

Ópera

Pequeno Auditório

M/6 anos

10 - 11 dez

19h00 sexta 17h00 sábado

# Os Músicos do Tejo



*Guerras  
do Alecrim  
e Manjerona*

## FICHA ARTÍSTICA

### Elenco

D. Gilvaz **Marco Alves dos Santos**  
Dom Fuas **Rodrigo Carreto**  
Semicúpio **João Fernandes**  
Dona Clóris **Joana Seara**  
Dona Nise **Luísa Cruz**  
Sevadilha **Catarina Wallenstein**  
Fagundes **Carla Vasconcelos**  
Dom Lancerote **Luís Rodrigues**  
D. Tibúrcio **António Machado**

### Os Músicos do Tejo

dir. **Marcos Magalhães** e **Marta Araújo**

Direção musical **Marcos Magalhães**

Direção de atores **Luísa Cruz**

### Orquestra

Violinos **Nuno Mendes** (concertino), **Álvaro Pinto**,  
**Maria Bonina**, **Lígia Vareiro**, **Raquel Cravino** e **Denys Stetsenko**  
Violas **João Abreu** e **Pedro Braga Falcão**  
Violoncelos **Ana Raquel Pinheiro** e **Pedro Massarrão**  
Contrabaixo **Pedro Wallenstein**  
Trompas **Pedro Pereira** e **Armando Martins**  
Oboé **Pedro Castro**  
Guitarra portuguesa **Miguel Amaral**  
Cravo e direção artística **Marta Araújo**

Edição de **Márcio Páscoa**, com reconstrução  
das partes vocais masculinas de **Marcos Magalhães**.

Agradecimentos **Márcio Páscoa**, **David Cranmer**,  
**Alexandre Delgado**, **Pierre Lavoix**, **Inês Cordeiro** e **Florista Begónia**

Os Músicos do Tejo são apoiados pela **DGArtes**,  
**Câmara Municipal de Lisboa** e pela **Biblioteca Nacional de Portugal**

## PROGRAMA

**António José da Silva (1705–1739)**  
e **António Teixeira (1707–1774)**  
*Guerras do Alecrim e Manjerona*

*Guerras do Alecrim e Manjerona*, de António José da Silva (1705–1739) e António Teixeira (1707–1774), é uma Ópera Joco-Séria, que se representou, pela primeira vez, no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no carnaval de 1737.

Trata-se de uma obra-prima do teatro e da música portuguesa e de importância fulcral na nossa cultura. Os Músicos do Tejo apresentam agora uma nova versão de concerto, mas que irá privilegiar o texto e o jogo teatral.

Nesta «*opera ao gosto português*» (como era denominado, na época, este género de teatro falado em português e com vários números musicais cantados com acompanhamento orquestral), encontramos um equilíbrio perfeito entre comicidade de texto, personagens e situações; beleza literária e musical; assim como de ritmo de desenvolvimento e estruturação da obra. O seu tom vai sempre variando entre múltiplos estratos: grotesco, sublime, dramático, pastoral, satírico, entre outros que se misturam num estilo que, por vezes, é rico de algo que, de maneira intuitiva, chamamos de «castiço», mesmo que essa palavra com tanto significado para os portugueses, seja, no fundo, tão misteriosa.

O enredo gira em torno de jovens que se querem unir apesar da oposição de um tutor afeito às mais conservadoras dificuldades. O contexto é o da família teatral alargada que sempre reencontramos no teatro setecentista, em que aos donos da casa se juntam os criados sempre engenhosos e lesto a propor soluções de intriga e respetivo desenlace.

O Paço Ducal de Vila Viçosa, em Portugal, possui no seu acervo um conjunto de partes separadas manuscritas sobre texto de António José da Silva, ali intitulado *Alecrim e Mangerona*. Está identificado em suas folhas pela cota A.M.G-7, mas tem uma falta importante: as vozes das personagens masculinas. Nesse sentido, todas

as versões modernas que se têm feito desta obra, usando estes preciosos manuscritos, tiveram de «reconstruir» essas ditas partes. Será mais uma criação do que uma reconstrução, mas temos várias pistas utilizáveis para essa dedução criativa: a linha da voz era muitas vezes dobrada pelos violinos e também se podem fazer várias inferências com base em costumes coevos da música operática, sobretudo, pelo confronto com algumas outras obras vocais do mesmo autor.

Além desta reconstrução, um dos princípios orientadores deste nosso trabalho com uma obra-prima do teatro do século XVIII é o de que o teatro e a ópera têm de se aproximar mais, inspirando-nos na situação que se vivia nessa época de uma maior proximidade entre atores e cantores. Trabalhando ambos no palco, sem intermediação da tecnologia, todos viviam a peça como um fenómeno acústico e musical, em que se tem de dar forma dentro dos limites do material, da biologia, dos espaços e suas acústicas.

Na atualidade e no contexto desta obra em particular, esse repto pode levar a uma busca em que os cantores têm de ser mais subtis na sua interpretação teatral (tanto nas partes musicais como faladas) e os atores têm de ser melhores na sua musicalidade e controlo da voz e ressonâncias (tanto nas partes musicais como faladas).

De todas as formas, esta obra justifica todos os esforços pois a sua inventividade e brilhantismo colocam-na num patamar central do nosso património cultural.

### Marcos Magalhães



## **Guerras do Alecrim e Manjerona** Publicado originalmente em 1737

António José da Silva (1705–1739)

Ópera Joco-Séria que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no carnaval de 1737.

Atualização ortográfica

**Iba Mendes** (corrigida por **Marcos Magalhães**)

Por razões de duração, não iremos apresentar o texto na sua integralidade. A filosofia dos cortes foi retirar algumas pequenas secções completas e não uma estratégia de tirar todas as partes que pudessem ser consideradas menos centrais para a intriga teatral. Quanto às partes cantadas, iremos executar todos os números musicais de António Teixeira que pertencem à obra. A única exceção é um pequeno minuette cantado por Dom Fuas que Marcos Magalhães compôs pois não existe música da época, apesar de aparecer o respetivo texto na edição original.

#### **INTERLOCUTORES:**

DOM GILVAZ  
DOM FUAS  
DOM TIBÚRCIO  
DOM LANCELOTE, velho  
DONA CLÓRIS, sobrinha  
de Dom Lancerote  
DONA NIZE, sobrinha  
de Dom Lancerote  
SEVADILHA, graciosa, criada  
FAGUNDES, velha, criada  
SEMICÚPIO, gracioso, criado  
de dom gilvaz

#### **SCENAS DA I. PARTE**

I. Prado, com casario no fim.  
II. Câmara.  
III. Praça.  
IV. Gabinete.

#### **SCENAS DA II. PARTE**

I. Praça.  
II. Sala.  
III. Câmara.  
IV. Praça.  
V. Câmara.  
VI. Jardim.  
VII. Sala.



## PRIMEIRA PARTE

### CENA I

*Prado, com casario no fim.  
Entram Dona Clóris,  
Dona Nize e Sevadilha,  
com os rostos cobertos;  
e Dom Fuas, Dom Gilvaz,  
e Semicúpio, seguindo-as.*

**DOM GILVAZ** (para D. Clóris)  
Diana destes bosques,  
cessem os acelerados  
desvios desse rigor,  
pois quando rémora me  
suspendeis, sois íman,  
que me atraís.

**DOM FUAS** (para D. Nize)  
Flora destes prados,  
suspendei a fatigada porfia  
de vosso desdém, que  
essa discorde fuga com  
que me desenganais, é  
harmoniosa atração de  
meus carinhos; pois nos  
passos desses retiros forma  
compassos o meu amor.

**SEMICÚPIO** (para Sevadilha)  
E tu, que vens atrás, serás  
a Siringa destas brenhas;  
e para o seres com mais  
propriedade, deixa-te ficar  
mais atrás, pois apesar dos  
esguichos de teu rigor, hei  
de ser conglutinado rabo-  
-leva das tuas costas.

**DONA CLÓRIS** (para D. Gilvaz)  
Cavalheiro, se é que o sois,  
peço-vos, me não sigais,  
que mal sabeis o perigo  
a que me expõe a vossa  
porfia.

**DOM GILVAZ**  
Galharda impossível, em  
cujas nubladas esferas  
ardem ocultos dois sóis,  
e se abraça patente um  
coração, permiti, que  
esta vez seja fineza a  
desobediência; porque  
seria agravo de vossos

reflexos negar-lhe o inteiro  
culto na visualidade desse  
esplendor; porque assim,  
formosa ninfa, ou hei-de  
ver-vos ou seguir-vos,  
porque conheça, já que  
não o sol desse oriente, ao  
menos o oriente desse sol.

**DONA CLÓRIS** (à parte)  
Que será de mim, se este  
homem me seguir?

**DONA NIZE**  
Já parece teima essa  
porfia: vede, senhor,  
que se me seguís, que  
impossibilitais o meio para  
ver-me outra vez.

**DOM FUAS**  
Para que são, belíssimo  
encanto, esses avaros  
melindres do repúdio? Se  
já comecei a querer-vos,  
como posso deixar de  
seguir-vos? Pois até não  
saber, ou quem sois, ou  
aonde habitais, serei eterno  
girassol de vossas luzes.

**SEVADILHA** (para  
Semicúpio)  
Ora basta já de porfia,  
senão vou revirando.

**SEMICÚPIO**  
Tem mão, Sargeta  
encantadora, que com  
embiocadas denguiques,  
feita papão das almas,  
encobres olho e meio,  
para matares gente de  
meio olho; são escusados  
esses esconderelos, pois  
pela unha desse melindre  
conheço o leão dessa cara.

**DONA CLÓRIS**  
Isso já parece teima.

**DOM GILVAZ**  
Isto é querer-vos.

**DONA NIZE**  
Isso é porfia.

**DOM FUAS**  
É adorar-vos.

**SEVADILHA**  
Isso é empurração.

**SEMICÚPIO**  
Agora, isto é bichancrear,  
pouco mais ou menos.

**DOM GILVAZ**  
Senhoras, para que nos  
cansamos? Ainda que  
pareça grosseria não  
obedecer, entendei que a  
nossa curiosidade e amor  
não permitirá que vos  
ausenteis sem ao menos  
com a certeza de vos  
tornarmos a ver, dando-nos  
também o seguro de onde  
morais, para que possa  
o nosso amor multiplicar  
os votos na peregrinação  
desses animados templos  
da formosura.

**DOM FUAS**  
Eis ali, senhora, o que  
queremos.

**SEVADILHA**  
Em termos, sem tirar nem  
pôr.

**DONA CLÓRIS**  
Pois, senhor, se só por isso  
esperais, bastará que esse  
criado nos siga; porque  
de outra sorte destruíis  
o mesmo que edificais.

**DOM GILVAZ**  
E admitireis a minha fineza?

**DONA CLÓRIS**  
Sendo verdadeira,  
porque não?

**DOM FUAS**  
Admitireis os repetidos  
sacrifícios de meu amor?

**DONA NIZE**

Sim, se for amor constante?

**DOM GILVAZ e DOM FUAS**

Quem essa dita me abona?

**DONA NIZE**

Este ramo de Manjerona.

**DOM FUAS**

Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféu de primavera.

**DOM GILVAZ**

Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

**DONA CLÓRIS**

Este ramo de Alecrim, que tem as raízes no meu coração, seja o fiador que me abone.

**DOM GILVAZ**

Por único na minha estimação será este Alecrim o Fénix das plantas, que, abrasando-se nos incêndios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

**SEMICÚPIO**

Isso é bom, segurar o barco; mas a tática hipoteca não me cheira muito, digam o que quiserem os jardineiros.

**DONA CLÓRIS**

Cada uma de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais fácil será perder a vida, do que elas percam o crédito de verdadeiras.

**SEMICÚPIO**

Ai! Basta, basta, já aqui não está quem falou: vossas mercês perdoem,

que eu não sabia que eram do rancho do Alecrim e Manjerona: resta-me também que tu, cozinheirazinha, vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois também me quero segurar.

**SEVADILHA**

Eis, aí tem esse Malmequer, que este é o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

**SEMICÚPIO**

Ditoso seria eu, se o teu Malmequer se murchasse.

**DONA CLÓRIS**

Pois, senhor, como estais satisfeito, desejarei estimásseis esse ramo não tanto como prenda minha, mas por ser de Alecrim.

**DONA NIZE**

O mesmo vos recomendo da Manjerona.

**DONA CLÓRIS**

Advertindo que aquele que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a Manjerona, ou Alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossíveis.

**DONA NIZE**

Desejara que triunfasse a Manjerona. (Vai-se)

**DONA CLÓRIS**

E eu o Alecrim. (Vai-se)

**SEVADILHA**

Cuidado no Malmequer. (Vai-se)

**SEMICÚPIO**

Cuidado no bem-me-quer.

**DOM GILVAZ**

Ó Semicúpio, vai seguindo-as para sabermos aonde moram; anda, não as percas de vista.

**SEMICÚPIO**

Elas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. (Vai-se)

**DOM FUAS**

Quem serão, amigo Dom Gilvaz, essas duas mulheres?

**DOM GILVAZ**

Essa pergunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado com que vendaram o rosto para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e asseio, indicam ser gente abastada.

**DOM FUAS**

Oxalá que assim fora; porque em tal caso, admitindo os meus carinhos, poderei com a fortuna de esposo ser meeiro no cabedal.

**DOM GILVAZ**

Ai, amigo Dom Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cair morto?

**DOM FUAS**

Elas foram aturridas com palanfrórios.

**DOM GILVAZ**

Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

(Entra Semicúpio)

**SEMICÚPIO**

Já fica assinalada na carta de marear toda a Costa de Leste a Oeste, com seus cachopos, e baixios.

**DOM GILVAZ**

Aonde moram?

**SEMICÚPIO**

São as nossas vizinhas, sobrinhas de Dom Lancerote, aquele mineiro velho, que veio das minas do ano passado.

**DOM FUAS**

Basta que são essas! Por isso elas cobriram o rosto.

**SEMICÚPIO**

Isso tem elas, que não são descaradas; antes são tão sisudas, que nunca encararam para ninguém.

**DOM GILVAZ**

Uma delas sei eu, que se chama D. Clóris.

**SEMICÚPIO**

E a outra D. Nize, isso sabia eu há muito tempo.

**DOM FUAS**

E como saberei eu, qual delas é a da Manjerona?

**SEMICÚPIO**

Isso é fácil, em sabendo-se qual é a do Alecrim, logo se sabe qual é a da Manjerona.

**DOM FUAS**

Grande subtilidade! Vamos Dom Gil.

**SEMICÚPIO**

Já que se vão, advirtam de caminho, que segundo as notícias, que tenho, bem podem desistir da empresa; porque o velho é tão cioso das sobrinhas

como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas de bronze; as janelas de encerado; as frestas são óculos de ver ao longe, que nem ao perto se veem; as trapeiras são zimbórios tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discípulas, porque ainda não sabem abrir, mas só um bem há, e é, que tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro. Com que, senhores meus, outro ofício, contentem-se com cheirar a sua Manjerona e o seu Alecrim; que amor que entra pelo nariz, não é bem que chegue ao coração.

**DOM GILVAZ**

Semicúpio, não temo impossíveis, tendo da minha parte a tua indústria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

**SEMICÚPIO**

Ah! Senhor Dom Gilvaz, o meu Aríete já se acha mui cansado com tanto vaivém, pois nem todo o artifício de minhas máquinas pode abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se dificulta aos meus merecimentos.

**DOM GILVAZ**

Semicúpio amigo, tem ânimo, que se montamos a burra de Dom Lancerote, saltaremos de contentes.

**SEMICÚPIO**

Tal é a minha desgraça e a sua miséria, que ainda com essa burra me dará dois coices.

**DOM GILVAZ**

Dom Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

**DOM FUAS**

D. Gil, vamos a forro, e a partido pois que Semicúpio é tão destro na matéria.

**DOM GILVAZ**

Por ora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau, que vós também navegareis no mar de Cupido.

**DOM FUAS**

Isso não merece a nossa amizade.

**DOM GILVAZ**

Se vós sois do rancho da Manjerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dois ser contrários, mal poderei socorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, Dom Fuas, e viva o Alecrim. (Vai-se)

**SEMICÚPIO**

E viva o Malmequer. (Vai-se)

**DOM FUAS**

Viverá a Manjerona apesar do mais intenso ardor de opostos Planetas.

(Entram Fagundes com manto e capelo)

**FAGUNDES**

É bom sumiço! Aonde estarão estas meninas, que há mais de quatro horas que foram à Missa, e ainda não há fumo delas?

Meu senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

### DOM FUAS

Que sinais tinham?

### FAGUNDES

Tinha uma delas uns sinais pretos no rosto, e a outra uns sinais de bexigas.

### DOM FUAS

E que mais?

### FAGUNDES

Uma delas tem os olhos verdes, cor de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; uma tem cova na barba, e a outra barba na cova, uma tem espinhela caída, e a outra um leicença num braço.

### DOM FUAS

Com esses sinais, nunca vi mulher nesta vida.

### FAGUNDES

Meu senhor, uma delas trazia um ramo de Alecrim no peito, e a outra de Manjerona.

### DOM FUAS

Vi muito bem, que são as sobrinhas de Dom Lancerote.

### FAGUNDES

Essas mesmas são: ora diga-me, aonde as viu?

### DOM FUAS

Promete vossa mercê fazer-me quanto lhe eu pedir?

### FAGUNDES

Ai, que coisa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

### DOM FUAS

Pois descanse, que elas aqui estiveram, e agora foram para casa.

### FAGUNDES

Ai, boas novas tenha.

### DOM FUAS

Ora, pois, em alvíssaras desta boa nova quero me diga como se chama...

### FAGUNDES

Eu? Ambrósia Fagundes, para servir a vossa mercê.

### DOM FUAS

Digo, como se chama a que trazia a Manjerona no peito?

### FAGUNDES

Chama-se Dona Nize.

### DOM FUAS

Pois, senhora Ambrósia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a Dona Nize, que em prémio do meu extremo me franqueou este ramo de Manjerona.

### FAGUNDES

É verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

### DOM FUAS

E como me dizem os impossíveis, que há de a poder comunicar, quisera dever-lhe a galantaria de ser minha protetora nesta amorosa pretensão; e fie de mim, que o prémio há de ser igual ao meu desejo.

### FAGUNDES

Meu senhor, difícil empresa toma vossa mercê; porque além da excessiva cautela do tio, que nisto não se fala, uma delas está para casar

com um primo, que hoje se espera de fora da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu senhor, desengane-se, que ali não há que arranhar.

### DOM FUAS

E qual delas é a que casa?

### FAGUNDES

Ainda se não sabe; porque o noivo vem à escolha daquela que lhe mais agrada.

### DOM FUAS

Como o vencer impossíveis é próprio de um verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empresa, saia o que sair; que a diligência é mãe de boa ventura: favoreça-me vossa mercê, senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido; tenho dinheiro e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da Manjerona.

### FAGUNDES

Pois por mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmancha-prazeres; esta noite o espero debaixo da janela da cozinha; sabe onde é?

### DOM FUAS

Bem sei.

### FAGUNDES

Pois espere-me aí, que eu lhe direi o que há na matéria.

### DOM FUAS

Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

### FAGUNDES

Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados e um tanto fétidos; descanse, senhor, que Dona Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio, e das carícias do noivo.

### DOM FUAS

Se tal consigo, não tenho mais que desejar.

(Canta Dom Fuas a seguinte Ária)

*Se chego a vencer  
De Nize o rigor,  
De gosto morrer  
Você me verá.*

*Porém se um favor  
Alenta o viver,  
Quem morre de amor  
Mais vida terá. (Vai-se)*

### FAGUNDES

Estes homens, tanto que são amantes, logo são músicos; e eu neste intento terei boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da Manjerona, e do Alecrim.

## CENA II

*Câmara. Entram  
Dona Nize, Dona Clóris  
e Sevadilha.*

### SEVADILHA

Ai, senhora, que ainda não creio que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o senhor velho!

### DONA CLÓRIS

Em boa nos metemos!

### DONA NIZE

Nunca tal nos sucedeu; que te parece, Dona Clóris, a porfia daqueles homens em nos querer conhecer?

### SEVADILHA

Sim, senhora, como se nós fossemos suas conhecidas.

### DONA CLÓRIS

E a facilidade com que se namoram logo estes homens, é o que mais me admira!

### SEVADILHA

Pois o maldito do Criado, que tanto se meteu comigo, como piolho por costura!

### DONA CLÓRIS

Que te veio dizendo?

### SEVADILHA

Mil despropósitos misturados com várias finezas esfarrapadas. (Entra Fagundes com o manto apanhado no braço)

### FAGUNDES

Ainda esses Alecrins, e Manjeronas, hão de dar nos narizes a muita gente.

### DONA NIZE

Que diz, Fagundes?

### FAGUNDES

Digo que bem escusados eram estes sustos: ora, digam-me, senhoras, se seu tio viesse, e as não achasse em casa, que seria de mim?

### DONA CLÓRIS

Não falemos nisso, que ainda estou a tremer.

### FAGUNDES

Apostemos, que isso foram

conselhos desta senhora, que aqui está?

### SEVADILHA

Apelo eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece que me tem tomado à sua conta!

### FAGUNDES

Coitada, como se desconjura!

### SEVADILHA

Ainda por amor dela me hei de ir desta casa.

(Entra Dom Lancerote)

### DOM LANCEROTE

Fagundes, depressa vá deitar mais um ovo nos espinafres, que aí vem meu sobrinho Dom Tibúrcio, já que sou tão desgraçado que por mais meia hora não chega depois de jantar.

### FAGUNDES

Eu vou, meu senhor, mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho. (Vai-se)

### DOM LANCEROTE

Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho que encomendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

### DONA CLÓRIS (à parte)

Já vem tarde.

### DONA NIZE (à parte)

Veremos a cara a este noivo.

### SEVADILHA (à parte)

Pois dizem que é um galante lapuz.

(Entram Dom Tibúrcio com botas, vestido ridiculamente)

**DOM LANCEROTE**  
Amado sobrinho, dá-me os braços. É possível que veja a um filho de meu irmão!

**DOM TIBÚRCIO**  
Sim, senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquelas chouriças que vêm no alforje, não as dizime o Arrieiro, que tem em cada mão cinco águias rapantes.

**DOM LANCEROTE**  
Isso me parece bem, seres poupado; eu vou a isso. (Vai-se)

**DONA CLÓRIS**  
Que te parece, Nize, a discrição do noivo?

**DONA NIZE**  
Muito bom princípio leva.

**SEVADILHA** (à parte)  
Parece que o seu génio mais se casa com o alforje.

**DOM TIBÚRCIO** (à parte)  
As primas não são más; porém a moça me toa mais.

(Entra Dom Lancerote)

**DOM LANCEROTE**  
Sossegai, sobrinho, que já tudo está arrecadado.

**DOM TIBÚRCIO**  
Agora sim; amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permiti, que os meus sequiosos lábios calculem esses pés, dedo por dedo.

**DOM LANCEROTE**  
Levantai-vos; sois discretos, meu sobrinho; pois vosso pai era um

pedaço de asno, Deus lhe perdoe.

**DOM TIBÚRCIO**  
Não está mais na minha mão; em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

**DOM LANCEROTE**  
Falai a vossas primas, e minhas sobrinhas, Dona Nize e Dona Clóris.

**DOM TIBÚRCIO**  
Eu vou a isso.

(Soneto)

*Primas, que na guitarra da constância  
Tão iguais retinis no contraponto,  
Que não há contraprima nesse ponto,  
Nem nos porpontos noto dissonância.*

*Oh, falsas não sejais nesta jactância;  
Pois quando atento os números vos conto,  
Nessa beleza harmónica remonto  
Ao plectro da Phebina consonância:*

*Já que primas me sois, sede terceiras  
De meu amor, por mais que vos agaste  
Ouvir de um cavalete as frioleiras;*

*Se encordoais de ouvir-me, ó primas, baste  
De dar à escaravelha em tais asneiras,  
Que enfim isto de amor é um lindo traste.*

**DOM LANCEROTE**  
Também sois Poeta, meu sobrinho?

**DOM TIBÚRCIO**  
Também temos nosso entusiasmo, senhor tio, isto cá é veia capilar e natural.

**DOM LANCEROTE**  
Oh! Quanto me pesa que sejais Poeta, pois por força haveis de ser pobre.

**DOM TIBÚRCIO**  
Agora, senhor, eu sou um rico Poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloquência? Não me respondeis?

**DONA CLÓRIS**  
Os Anjos lhe respondam.

**DONA NIZE**  
Aí não há mais que dizer.

**DOM TIBÚRCIO**  
Ah, senhor tio, essa rapariga é cá da obrigação da casa?

**DOM LANCEROTE**  
É moça da almofada.

**DOM TIBÚRCIO**  
Não é mal estreada; e que olhos que tem! Benza-te Deus!

**SEVADILHA**  
Quer Deus que trago um corninho por amor do quebranto.

**DOM LANCEROTE**  
Eu cuido, Sobrinho, que mais vos agrada a criada, do que a noiva.

**DOM TIBÚRCIO**  
Tudo o que é desta casa me agrada muito.

**DOM LANCEROTE**  
Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que vosso primo

Dom Tibúrcio, filho de meu irmão D. Trifonio e de Dona Pantaleoa Reboldan, o qual também era irmão de vosso pai, e meu irmão D. Blianis, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimónia, que pra mais é o seu primor.

**DOM TIBÚRCIO**  
Por certo que sim, e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo meter no coração tudo o que for desta casa.

**DOM LANCEROTE**  
Eu o creio, meu sobrinho; nisso saís a vosso Pai.

**DONA CLÓRIS** (à parte)  
Não vi maior asno!

**DONA NIZE** (à parte)  
Nem eu maior simples!

(Diz dentro Semicúpio)

**SEMICÚPIO**  
Quem merca o Alecrim?

**DONA CLÓRIS**  
Ó Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

**SEVADILHA** (à parte)  
Entrou no fadário!

**DOM LANCEROTE**  
Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que há nesta terra dois ranchos. Um do Alecrim, outro da Manjerona, e fazem tais excessos por estas duas plantas, que se matarão umas às outras.

**DOM TIBÚRCIO**  
E vossa mercê consente, que minhas primas sigam essas parcialidades?

**DOM LANCEROTE**  
Não vedes que é moda, e como não custa dinheiro, bem se pode permitir?

**DOM TIBÚRCIO**  
Bem sei que isso são verduras da mocidade, mas contudo não aprovo.

**DOM LANCEROTE**  
E a razão?

**DOM TIBÚRCIO**  
Não sei.

**DONA CLÓRIS**  
Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estilos da Corte.

**DONA NIZE**  
Calai-vos, mana, que ele há de ser o maior apaixonado que há de ter o Alecrim e a Manjerona.

**DOM TIBÚRCIO**  
Se eu enlouquecer, não duvido.

(Entra Semicúpio com um molho de Alecrim ao ombro)

**SEMICÚPIO**  
Quem quer o Alecrim?

**DONA CLÓRIS**  
Anda pra cá: tem mão, não o ponhas no chão.

**SEMICÚPIO**  
Pois aonde o hei de pôr?

**DONA CLÓRIS**  
Aqui no meu colo: ai, no chão o meu Alecrim? Isso não.

**SEMICÚPIO**  
Pois não só o ponha no colo, mas no pescoço.

**DONA CLÓRIS**  
A quanto é o molho?

**SEMICÚPIO**  
A real e meio, por ser para vossa mercê.

**DONA CLÓRIS**  
Põe aí cinquenta molhos.

**SEMICÚPIO**  
Pelo que vejo, esta é Dona Clóris. (À parte) Eis aí tem todos os molhos; reparta lá com a senhora, que suponho também quererá o seu raminho.

**DONA NIZE**  
Ai, tira-te para lá, homem, com esse mau cheiro.

**SEMICÚPIO** (à parte)  
Já sei, que esta é a da Manjerona de Dom Fuas.

**DOM TIBÚRCIO**  
Bem haja, minha prima, que não é destas invenções.

**DOM LANCEROTE**  
Porque é da Manjerona, por isso aborrece o Alecrim.

**DOM TIBÚRCIO**  
Resta-me que vossa mercê também tenha algum rancho.

**DOM LANCEROTE**  
Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

**SEMICÚPIO**  
Ora demos princípio à tramoia. (À parte) Ai, senhores, quem me acode?

**DOM LANCEROTE**

Que tens, homem?

**SEMICÚPIO**

Ai, ai, confissão.

(Cai Semicúpio estrebuchando, fingindo um acidente)

**DONA CLÓRIS**

Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

**DONA NIZE**

Tão venenoso é o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

**DOM LANCEROTE**

Olá, tragam água.

(Entram Fagundes e Sevadilha com uma quarta)

**SEVADILHA**

Ai, senhores, que isto é acidente de gota coral!

**SEMICÚPIO (à parte)**

O coral dos teus lábios que acidentes não fará?

**DOM LANCEROTE**

A unha de grão besta é boa para isto.

**DOM TIBÚRCIO**

Puxem-lhe pelos dedos, que também é bom remédio.

(Dom Lancerote, Dom Tibúrcio, Sevadilha e Fagundes pegam em Semicúpio, e este com o estrebuchamento fará cair a todos)

**DOM LANCEROTE**

Mostra cá o dedo.

**SEMICÚPIO (à parte)**

Agradeço o anel.

**DOM TIBÚRCIO**

E a força que tem o selvagem!

**SEVADILHA**

Eu não posso com ele.

**SEMICÚPIO**

Lá vai o dedo polegar com os diabos! Eu estou capaz de tornar a mim, antes que me deixem despedaçado.

**DOM LANCEROTE**

Borrifa-o, Fagundes.

**FAGUNDES**

Ora deixem-no comigo. (Borrifa-o)

**SEMICÚPIO**

Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece que tem postema no bofe.

**DONA NIZE**

Não se cansem, que ele não torna a si tão cedo.

**SEMICÚPIO**

Essa é a verdade.

**FAGUNDES**

Mas, pelo sim pelo não, eu lhe vazo esta quarta; que quando Deus quer, água fria é mezinha.

**SEMICÚPIO (à parte)**

Valha-te o diabo, que me deitaste água na fervura! Eu não tenho mais remédio, que aquietar-me, senão virá como remédio algum pau santo sobre mim.

**FAGUNDES**

Senhores, ele está mais sossegado depois da água, venham jantar que a mesa está posta.

**DOM LANCEROTE**

Vai buscar o meu capote,

e cobre-o que está tremendo o miserável.

**SEMICÚPIO (à parte)**

É maravilha, que um miserável cubra outro.

**DOM TIBÚRCIO**

Aquilo são convulsões; mas bom é cobri-lo por amor do ar.

(Entra Fagundes com um capote)

**FAGUNDES**

Eis aí o capote; se ele o babar, babado ficará.

**SEMICÚPIO (à parte)**

Anda, tola, que não me babo.

**DOM LANCEROTE**

Tu, Sevadilha, tem sentido neste homem, enquanto jantamos; vinde, Sobrinho. (Vai-se)

**DOM TIBÚRCIO**

Vamos, que tenho uma fome horrenda. (Vai-se)

**DONA NIZE**

É galante figura o tal meu primo. (Vai-se)

**DONA CLÓRIS**

Fagundes, agasalha esse Alecrim. (Vai-se)

**FAGUNDES**

Tanto me importa; se fora Manjerona, ainda, ainda. (Vai-se)

**SEVADILHA**

Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

**SEMICÚPIO**

Vejamos quem é esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira. Aí que suponho que é a menina

do Malmequer, que lá traz um no cabelo.

Vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem. (Vai-se erguendo)

**SEVADILHA**

Deite-se, deite-se. Ai, que o homem tem frenesis! Acudam cá.

**SEMICÚPIO**

Cala-te, Sevadilha, não perturbes esta primeira ocasião de meu amor.

**SEVADILHA**

Deixe-se estar coberto.

**SEMICÚPIO**

Bem sei, que o calafrio de meu amor é tão grande, que se pode cobrir diante del-Rei; mas confesso-te que já não posso aturar o gravamen deste capote.

**SEVADILHA**

Ai, que o homem está louco, e furioso!

**SEMICÚPIO**

A fúria com que te ausentas me faz enlouquecer; não fujas, Sevadilha, que eu sou aquele sujeito do Malmequer, e tão sujeito aos teus impérios, que sou um criado de vossa mercê.

**SEVADILHA**

Eu te arrengo, maldito homem! Tu és o desta manhã?

**SEMICÚPIO**

Cuidavas que não havia saber buscar modo para ver-te?

**SEVADILHA**

Queres que vá chamar a Dona Clóris, ou Dona Nize?

**SEMICÚPIO**

Logo irás chamar a Dona Clóris, mas primeiro atende à chama de meu amor; que se o fogo tem línguas, e as paredes têm ouvidos, bem pode a dura parede de teu rigor escutar a labareda em que me abraso: muita coisinha te poderia eu dizer; porém a ocasião não é para isso.

**SEVADILHA**

Nem eu estou para essoutro.

**SEMICÚPIO**

Eu o dissera, que o teu Malmequer não é para menos.

**SEVADILHA**

Nem a tua pessoa é para mais.

**SEMICÚPIO**

Pois isso é deveras? Olha, que desconfio.

**SEVADILHA**

Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte anos de desprezos, como há muitos que aturam, levando com as janelas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, sofrendo geadas, apurando-se em Romances, dando descantes, feitos estátuas de amor no templo de Vénus, e contudo estão muito contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

**SEMICÚPIO**

Para que me desenganes, se me queres, ou não.

**SEVADILHA**

Pergunta-o ao Malmequer, que ele t'ó dirá.

**SEMICÚPIO**

Se eu o tivera, aqui, fizera essa experiência.

**SEVADILHA**

E onde está o que eu te dei?

**SEMICÚPIO**

Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar m'ó leva.

**SEVADILHA**

Assim te leve o diabo.

**SEMICÚPIO**

Levará que é muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

**SEVADILHA**

Apanha aquele Malmequer, que está junto àquela porta, e pergunta- lhe, que ele to dirá.

**SEMICÚPIO**

Pois acaso nas folhas do Malmequer, estão escritos os teus amores, ou os teus desdêns?

**SEVADILHA**

Da mesma sorte que a buena dicha na palma da mão.

**SEMICÚPIO**

Eu vou apanhar o dito Malmequer. (Vai-se)

**SEVADILHA**

Quem me dera que ficasse em Malmequer para o fazer andar à prática!

(Entra Semicúpio com um Malmequer)

**SEMICÚPIO**

Eis aqui o Malmequer: ora vamos a isso; que se há flores que são desengano

da vida, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bem-me-quer.

### SEVADILHA

Isto é como uma sorte.

### SEMICÚPIO

Queira Deus não se converta o Malmequer em azar. Tem sentido, Sevadilha: Amor, se sai a coisa como eu quero, eu te prometo um arco de pipa, e uma venda nos Remolares em que ganhes muito dinheiro.

(Canta Semicúpio a seguinte Ária)

*Oráculo de amor  
Propício me responde  
Nas ânsias deste ardor  
Bem me queres, mal me queres  
Bem me queres, mal me queres  
Mal me queres, disse a flor.  
Ai de mim, que me quer mal  
Teu ingrato Malmequer!  
Acabou-se o meu cuidado,  
Que mais tenho que esperara?  
Vou-me agora regalar,  
Levar boa vida, comer, e beber.*

(Entra Dona Clóris)

### DONA CLÓRIS

Oh! Quanto folgo que já estejas bom!

### SEMICÚPIO

E tão bom que parece que nunca tive nada.

### DONA CLÓRIS

Com que saraste?

### SEMICÚPIO

Com o mesmo mal; porque

também há males que vêm por bem.

### DONA CLÓRIS

Que dizes, que te não entendo? Estás louco?

### SEMICÚPIO

Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te viu assim por maior, esta manhã; e assim para significar-te a tremendíssima eficácia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto, aos teus átomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

### DONA CLÓRIS

Sevadilha, põe-te a espreitar não venha alguém.

### SEVADILHA

Sim senhora. Arre lá com o arдил do homem! (Vai-se)

### DONA CLÓRIS

E quem é esse teu amo que tanto me adora?

### SEMICÚPIO

É o senhor Dom Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia* Londres e Paris.

### DONA CLÓRIS

Que ofício tem?

### SEMICÚPIO

Há de ter um de defuntos, quando morrer.

### DONA CLÓRIS

E enquanto vivo, em que se ocupa?

### SEMICÚPIO

Em morrer por vossa mercê.

### DONA CLÓRIS

Fala a propósito.

### SEMICÚPIO

Senhora, meu amo não necessita de ofícios para manter os seus estados, porque tem várias propriedades consigo muito boas; além disso tem uma quinta na semana, que fica entre a quarta e a sexta, tão grande que é necessário vinte e quatro horas, para se correr toda.

### DONA CLÓRIS

Quanto fará toda de renda?

### SEMICÚPIO

Não se pode saber ao certo; sei que tem várias rendas em Flandres, e outras em Peniche, e estas bem grossas; também tem um foro de fidalgo, e um juro de nobreza.

### DONA CLÓRIS

Basta que é fidalgo!

### SEMICÚPIO

Como as estrelas, que as vê ao meio-dia, e a estas horas não vê outra coisa; e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente, que descende de Adão.

### DONA CLÓRIS

Se isso é assim, talvez, que me incline a querê-lo para meu esposo.

### SEMICÚPIO

Venha a resposta, senhora, que meu amo está esperando com língua de palmo.

### DONA CLÓRIS

Pois ouve o que lhe há de dizer.

(Canta Dona Clóris a seguinte Ária)

*Dirás ao meu bem,  
Que não desconfie,  
Que adore, que espere,  
Que não desespere,  
Que à sua firmeza  
Constante serei.*

*Que firme eu também  
A tanta fineza  
Amante, constante  
Extremos farei. (Vai-se)*

### SEMICÚPIO

Vencido está o negócio; mas o capote do velho cá não há de ficar por vida de Semicúpio; que se a ocasião faz o ladrão, hei de sê-lo por não perder a ocasião. (Vai-se com o capote)

(Entra Sevadilha)

### SEVADILHA

Espera, homem, onde levas o capote? E foi-se como um cesto roto? Ai, mofina desgraçada, que há de ser de mim se meu amo não achar o seu rico capote?

### DOM LANCEROTE

Já sarou o homem, Sevadilha?

### SEVADILHA

Sim, senhor.

### DOM LANCEROTE

Já se foi?

### SEVADILHA

Sim, senhor.

### DOM LANCEROTE

Guardaste o capote?

### SEVADILHA

Qual capote?

### DOM LANCEROTE

O meu.

### SEVADILHA

Qual meu?

(Cantam Dom Lancerote e Sevadilha a seguinte ária a duo)

### DOM LANCEROTE

Moça tonta, descuidada.

### SEVADILHA

Há mulher mais desgraçada Neste mundo? Não, não há.

### DOM LANCEROTE

Se não dás o meu capote, Tua capa hei de rasgar.

### SEVADILHA

Não me rasgue a minha capa.

### DOM LANCEROTE

Dá-me, moça o meu capote.

### SEVADILHA

Minha capa.

### DOM LANCEROTE

Meu capote.

### AMBOS

Trata logo de pagar.

### DOM LANCEROTE

Meu capote assim furtado!

### SEVADILHA

Meu adorno assim rasgado!

### AMBOS

Que desgraça!

### DOM LANCEROTE

Contra a moça

### SEVADILHA

Contra o velho.

### AMBOS

A justiça hei de chamar: Meu capote donde está? (Vão-se)

## CENA III

*Praça: no fim haverá uma janela. Entra Dom Gilvaz embuçado.*

### DOM GILVAZ

Disse a Semicúpio que aqui o esperava; mas tarda tanto que entendo o apanharam na empresa. Mas, se será aquele, que ali vem? Não é Semicúpio que ele não tem capote. Quem será?

(Entra Semicúpio embuçado em um capote)

### SEMICÚPIO

Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deus não me cheguem ao vulto; não sei se torne para trás, mas pior é mostrar cobardia; eu faço das tripas coração; vou chegando, mas sempre de longe.

### DOM GILVAZ

Ele se vem chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.

### SEMICÚPIO

Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, aliás o passarei.

### DOM GILVAZ

Vossa mercê pode passar.

### SEMICÚPIO

Ai, que é D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroso. Quem está aí? Fale, quando não despeça-se desta, vida que o mando para a outra.

### DOM GILVAZ

Primeiro perderá a sua, quem me intenta reconhecer.

**SEMICÚPIO**

Tenha mão, senhor Dom Gilvaz, que sou Semicúpio.

**DOM GILVAZ**

Se não falas, talvez que a graça te saísse cara.

**SEMICÚPIO**

Igual vossa mercê, que se o não conheço pela voz, sem dúvida, senhor Dom Gilvaz, lhe prego com o seu nome na cara.

**DOM GILVAZ**

Deixemos isso, dá-me novas de Dona Clóris; diz, pudeste dar-lhe o recado?

**SEMICÚPIO**

Não sabe que sou o César dos alcoviteiros? Fui, vi e venci.

**DOM GILVAZ**

Dá-me um abraço, meu Semicúpio.

**SEMICÚPIO**

Não quero abraços, venham as alvíssaras, senão emudeci como Oráculo.

**DOM GILVAZ**

Em casa t'as darei: conta-me primeiro, que fazia Dona Clóris?

**SEMICÚPIO**

Isso são contos largos, estava toda rodeada de braseiros de Alecrim, com um grande molho dele no peito, cheirando a Rainha de Hungria, mascando Alecrim, como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com um palito de Alecrim; e finalmente, senhor, com o Alecrim anda toda tão verde, como se tivera tirícia.

**DOM GILVAZ**

E do mais que passaste?

**SEMICÚPIO**

Isso é para mais devagar, basta que saiba por ora, que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de Dona Clóris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasgada com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei à mão tente.

**DOM GILVAZ**

Incríveis são as tuas habilidades: e que capote é esse?

**SEMICÚPIO**

Este é o despojo do meu triunfo; joguei com o velho os centos, e ganhei-lhe este capote; e se vossa mercê soubera a virtude que ele tem, pasmaria.

**DOM GILVAZ**

Que virtude tem?

**SEMICÚPIO**

É um grande remédio para sarar acidentes de gota coral.

**DOM GILVAZ**

Conta-me isso.

(Entra Dom Fuas embaçado)

**DOM FUAS**

Esta é a janela da cozinha de Dona Nize, que apesar da escuridão da noite, a conhece o meu instinto pelos eflúvios odoríferos, que exala a Pancaia daquela Fénix.

**DOM GILVAZ**

Semicúpio, um homem ao pé da janela de Dona Clóris? Isto não me cheira bem.

**SEMICÚPIO**

Como lhe há de cheirar bem, se isto é um monturo?

(Aparece Fagundes à janela)

**FAGUNDES**

Cé, é vossa mercê mesmo?

**DOM FUAS**

Sou eu mesmo, e não outro, que impaciente espero novas de meu bem.

**DOM GILVAZ**

Não ouviste aquilo, Semicúpio.

**SEMICÚPIO**

Aquilo é que não cheira bem, senhor Dom Gilvaz.

**FAGUNDES**

Não basta que vossa mercê diga que é mesmo, é necessário a senha, e a contrassenha.

**DOM FUAS**

Pois atenda.

**DOM GILVAZ**

Este é Dom Fuas, pela senha da Manjerona; que te parece, Semicúpio, o quanto tem adiantado o seu amor?

**SEMICÚPIO**

*Quidquid sit*, o primeiro milho é dos pássaros, o segundo é cá para os melros.

**FAGUNDES**

Suba por essa escada. (Lança a escada)

**DOM FUAS**

Segure bem. (Sobe)

**SEMICÚPIO**

Senhor Dom Gil, agora é

tempo de subir também pois estamos em era de atrepar; não perca a ocasião.

**DOM GILVAZ**

Vem tu também. (Sobe)

**SEMICÚPIO**

Eu também vou a render à escala vista esse castelo de Cupido.

**FAGUNDES**

Tenha mão, senhor, que é o que quer?

**DOM GILVAZ**

Manjerona.

**FAGUNDES**

Vossa mercê, meu fidalgo, quem procura?

**SEMICÚPIO**

Também Manjerona, em lugar de Sevadiha, que tudo faz bom tabaco.

**FAGUNDES**

Isto cá está por estaque, não entra quem quer.

**SEMICÚPIO**

Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

**FAGUNDES**

Vá-se daí, que não conheço Framengos à meia-noite.

**SEMICÚPIO**

Tem mão, não me empurres.

**FAGUNDES**

Não há de entrar.

**SEMICÚPIO**

Ó mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

**FAGUNDES**

Vá-se com os diabos, seja quem for.

(Empurra a escada, que cai com Semicúpio)

**SEMICÚPIO**

Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o semicúpio que me fizeste tomar. Estes são os ossos do ofício; mas para que tudo não sejam ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma coisa; ao menos se não morri da queda, vou para casa em uma escada.

(Vai-se Semicúpio e leva a escada)

**CENA IV**

*Gabinete. Entra Fagundes trazendo pela mão a Dom Fuas, e detrás virá Dom Gilvaz embaçado.*

**FAGUNDES**

Pise de mansinho; que se acorda, será para nos enforcar.

**DOM FUAS**

Recontou a Dona Nize os extremos, com que a idolatro?

**FAGUNDES**

Não me ficou nada no tinteiro: meu senhor, nessa matéria tenho tanta elegância que sou outra Marca Túlia Cicerona.

**DOM FUAS**

Ai, Fagundes, se casará D. Nize com o primo! Mas quem está aqui atrás de nós?

**DOM GILVAZ (à parte)**

Não quero dar-me a conhecer a Dom Fuas, por ver se com os zelos desiste

da empresa, para que só triunfe o Alecrim.

**DOM FUAS**

Cavalheiro, vós daqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro o que buscais nesta casa?

**DOM GILVAZ**

O mesmo que vós buscais.

**DOM FUAS**

O que eu busco, não vos pode pertencer.

**DOM GILVAZ**

Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

**FAGUNDES**

Senhores meus, acomodem-se que pode acordar o senhor Dom Lancerote, e o dano será de todos.

**DOM FUAS**

Queres que me cale à vista dos meus zelos?

(Entra Dona Nize)

**DONA NIZE**

Que ruído é este, Fagundes?

**DOM FUAS**

Sinto, senhora Dona Nize, que a primeira vez que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

**DONA NIZE**

Não sei que motivo haja para os haver.

**DOM FUAS**

Este senhor embaçado, que aqui me vem seguindo, e diz, que procura o mesmo, que eu busco.

**DONA NIZE**

Sabe ele porventura o que vós procurais?

**DOM FUAS**

Ele que diz que sim, certo é que o sabe.

**DONA NIZE** (para D. Gil)

Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito?

**DOM GILVAZ** (à parte)

Nada hei de responder.

**DOM FUAS**

Quem cala consente: não averiguemos mais, senhora Dona Nize, só sinto que a sua Manjerona admita enxertos de outras plantas.

**DONA NIZE**

Esse é o pago que me dais, de admitir a vossa correspondência, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

**DOM FUAS**

Melhor fora desenganar-me que essa era a melhor fineza que vos podia merecer.

**DONA NIZE**

Pois eu digo-vos que estou inocente, que não conheço este homem; e me parece que basta dizê-lo, para me acreditares.

**DOM FUAS**

E bastava ver eu o contrário, para não acreditar essas desculpas.

**DONA NIZE**

Pois visto isso, fiquemos como dantes.

**DOM FUAS**

De que sorte?

**DONA NIZE**

Desta sorte.

(Canta Dona Nize a seguinte Ária)

*Suponha, senhor,  
Que nunca me viu,  
E que é o seu amor  
Assim como a flor,  
Que apenas nasceu,  
E logo murchou.*

*Pois tanto me dá  
De seu pretender,  
Que firme suponha  
Seria algum sonho,  
Que pouco durou. (Vai-se)*

**DOM FUAS**

Nize cruel, isso ainda é maior tirania; escuta-me. (Vai-se)

**FAGUNDES**

Vá lá dar-lhe satisfações que ela é bonita para essas graças. E vossa mercê, senhor rebuçado, a que fim quis profanar o sagrado desta casa?

**DOM GILVAZ**

A ver o bem que adoro.

**FAGUNDES**

Vossa mercê está zombando? Aqui não há quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato, e honra desta casa.

**DOM GILVAZ**

Eu bem vejo o recato, e honra desta casa. Quê? Aquilo de subir um homem por uma janela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?

**FAGUNDES**

Aquele homem é primo carnal da senhora Dona Nize.

**DOM GILVAZ**

Pois eu também quero ser muito conjunto da senhora Dona Clóris: ora faça-me o favor de a ir chamar.

**FAGUNDES**

Que diz? A senhora Dona Clóris? Olha tu lá, Dona Clóris não te enganes; sim, a outra, que anda coberta de cilícios, jejuando a pão e água; tire daí o sentido, meu senhor.

**DOM GILVAZ**

Se a não fores chamar, a irei eu buscar.

**FAGUNDES**

Ai, senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remédio tenho senão chamá-la, antes que o homem faça alguma asneira, que ele tem cara de arremeter. (Vai-se)

**DOM GILVAZ**

Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria *corretage!* Basta que lha dê Dom Fuas.

(Entra Dona Clóris)

**DONA CLÓRIS**

Senhor, vossa mercê, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

**DOM GILVAZ**

Eu, senhora Dona Clóris, sou Dom Gilvaz, aquele impaciente amante, que atropelando impossíveis, vem, qual salamandra de

amor, a abrasar-se nas chamas do seu Alecrim, como vítima da mesma chama.

**DONA CLÓRIS**

Senhor Dom Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao lícito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente que primeiro não haja de experimentar no crisol da constância os raios do seu amor.

**DOM GILVAZ**

Mui pouco conceito fazeis da vossa beleza; pois se antes de admirar essa formosura em ocultas simpatias soubestes atrair todos os meus afetos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorar-vos com tão imóvel constância, que primeiro se moverão as estrelas fixas que sejam errantes as minhas adorações?

**DONA CLÓRIS**

Isto é deveras, senhor Dom Gil?

**DOM GILVAZ**

Se eu morro deveras, como hei de falar zombando?

(Soneto)

*Tanto te quero, ó Clóri,  
tanto, tanto;  
E tenho neste tanto tanto  
tanto,  
Que me cuidar que te  
perco, me espavento,  
E em cuidar que me deixas,  
me ataranto.*

*Se não sabes (ai, Clóri)  
o quanto o quanto  
Te idolatra rendido o  
pensamento,  
Digam-te os meus suspiros  
cento a cento.  
Soletra-o nos meus olhos  
pranto a pranto.*

*Oh quem pudera agora  
encarecer-te  
Os esquisitos modos de  
adorar-te  
Que o amor soube inventar  
para querer-te!*

*Ouve, Clóri; mas não, que  
hei de assustar-te;  
Porque é tal o meu  
incêndio, que ao dizer-te  
Ficaras no perigo de  
abrasar-te.*

**DONA CLÓRIS**

Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimação de verdadeiras; que quem tem a língua tão solta para os encarecimentos, terá presa a vontade para os extremos.

**DOM GILVAZ**

Como há de haver experiências na minha constância, serão os sucessos de minhas finezas os cronistas de meu amor.

(Canta Dom Gilvaz a seguinte Ária)

*Viste, ó Clóri, a flor gigante,  
Que procura firme,  
amante,  
Seguir sempre a luz do Sol?  
Sol, que gira, são teus  
raios,  
E meu peito Girassol.*

*Mas, ai, Clóri, que a luz pura  
De teus raios mais se apura  
De meu peito no crisol.*

**DONA CLÓRIS**

Cessa, meu bem, de encarecer-me o teu amor, já sei são verdadeiras as tuas expressões. Oh, se eu tivera a fortuna, que essas vozes as não levasse o vento para aumentar com elas a força de sua inconstância!

(Entra Sevadilha)

**SEVADILHA**

É bem feito! É bem empregado!

**DONA CLÓRIS**

O quê, Sevadilha?

**SEVADILHA**

O senhor, que está acordado.

**DONA CLÓRIS**

Não pode ser a estas horas; não te creio, que és uma medrosa.

**SEVADILHA**

Falo verdade e não minto.

(Canta Sevadilha a seguinte Ária)

*Senhora, que o velho,  
Se quer levantar!  
Mofina de mim,  
Que ouvi escarrar,  
Falar, e tossir!  
Senhor, vá-se embora,  
(Para D. Gil)  
Vá já para fora,  
Senão o papão,  
Nos há de engolir.*

**FAGUNDES**

Ui, senhores, isto é coisa de brinco? O senhor seu tio está com tamanho olho aberto que parece um leão, que está dormindo; deite fora esse homem e venha-se agasalhar, que já vem amanhecendo.

**DONA CLÓRIS**

Pois deem fora a D. Gil: meu bem, estimarei que as suas obras correspondam às suas palavras. (Vai-se)

(Entram Dona Nize e Dom Fuas)

**DONA NIZE**

Fagundes, encaminha a Dom Fuas, que meu tio está acordado.

**DOM FUAS (à parte)**

Ainda o embuçado aqui está? É para ver! Ah, cruel!

**DONA NIZE**

Anda, Fagundes.

**FAGUNDES**

Senhora, que não há escada para descerem.

**DONA NIZE**

E aquela por onde subiu, aonde está?

**FAGUNDES**

Empurrei-a com um homem, que também queria subir.

**DOM GILVAZ (à parte)**

Devia ser Semicúpio.

**DOM FUAS**

Pois como há de ser?

**SEVADILHA**

Não há mais remédio, que saltar pela janela.

**FAGUNDES**

Mas vejam não caiam no alfuje.

**DOM GILVAZ (à parte)**

Em boa estou metido!

**DOM FUAS**

Aonde está a chave da porta?

**SEVADILHA**

A chave tem guardas e está agasalhada no travesseiro do velho, por não dormir numa porta.

**DOM LANCEROTE**

Fagundes, venha abrir esta janela, que já vem amanhecendo. (Dentro)

**FAGUNDES**

Eis aqui mercês o que quiseram!

**DOM LANCEROTE**

Fagundes, que faz, que não vem? (Dentro)

**FAGUNDES**

Estou enxotando o gato da vizinha: sape, gato! Senhores escondam-se aonde for.

**DONA NIZE**

Ai, que desgraça!

**DOM LANCEROTE (dentro)**

Sevadilha, que é isto lá?

**SEVADILHA (dentro)**

É o gato da vizinha: sape gato.

**SEMICÚPIO (dentro)**

Abram a porta que se queima a casa: fogo, fogo!

**FAGUNDES**

Ai, que há fogo na casa! São Marçal.

**DONA NIZE**

Eu estou morta!

**DONA CLÓRIS**

Ai, que se queima a casa, que desgraça! (Entra)

**DOM FUAS**

Pior é esta!

**DOM GILVAZ**

Há horas minguadas!

**SEMICÚPIO (dentro)**

Abram a porta, que há fogo, fogo!

**SEVADILHA**

Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos.

**SEMICÚPIO (dentro)**

Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fora.

(Entra Semicúpio com uma quarta às costas, e ao mesmo tempo sai Dom Lancerote em fralda de camisa, e Dom Tibúrcio embrulhado em um lençol, com uma candeia de garavato na mão)

**SEMICÚPIO**

Fogo! fogo!

**FAGUNDES**

Adonde é, meu senhor?

**DOM TIBÚRCIO**

Que é isto cá?

**DOM LANCEROTE**

Fogo aonde, se eu não veja fumo?

**SEMICÚPIO**

Como há de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

**DOM TIBÚRCIO**

Aqui me cheira a Alecrim queimado.

**DOM LANCEROTE**

Dizes bem; Clóris, acendeste algum Alecrim?

**DONA CLÓRIS**

Eu, senhor, não... foi... porque sempre...

**DOM LANCEROTE**

Cala-te, que eu porei o Alecrim com dono; há mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos anos.

**SEMICÚPIO**

Com ele podia vossa mercê apagar este fogo.

**DOM GILVAZ (à parte)**

Estou admirado de ver a traça de Semicúpio!

**DOM TIBÚRCIO**

Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

**DOM LANCEROTE**

Vede, sobrinho, ainda assim não se entorne o azeite.

**DONA NIZE**

Ai, os meus craveiros de Manjerona!

**DONA CLÓRIS**

Ai, os meus olhos de Alecrim!

**FAGUNDES**

Ai, a minha canastra!

**SEVADILHA**

Ai, os meus tarequinhos!

**DOM LANCEROTE**

Ai, a minha burra!

**DOM TIBÚRCIO**

Ai, o meu alforje!

**SEMICÚPIO**

Ai com tanto ai! Senhores, aonde é o fogo?

**DOM LANCEROTE**

Vejam, vossas mercês, bem por essas casas aonde será.

**SEMICÚPIO**

Entremos, senhores, antes que se ateie o incêndio.

**DOM GILVAZ e DOM FUAS**

Vamos. (Saem Semicúpio, Dom Fuas e Dom Gilvaz e logo tornam a entrar)

**DOM LANCEROTE**

Vereis vós, trampozinha, que fim leva o Alecrim.

**DONA CLÓRIS**

O Alecrim não tem fim, que nunca murcha.

(Entram os três)

**DOM GILVAZ**

Não se assustem, que não é nada.

**DOM FUAS**

Já se apagou, Deus louvado.

**DOM LANCEROTE**

Aonde foi?

**SEMICÚPIO**

Foi no almofariz, que estava ao pé da isca.

**SEVADILHA**

Pois eu não fui que a petisquei.

**FAGUNDES**

Pois eu nem no ferrolho.

**SEMICÚPIO**

Pois eu ainda estou em jejum.

**DOM LANCEROTE**

Ora, meus senhores, vossas mercês me vivam muitos anos pela honra que me fizeram.

**DOM GILVAZ**

Sempre buscarei ocasiões de servir a esta casa. (Vai-se)

**DOM FUAS**

E eu não menos. (Vai-se)

**SEMICÚPIO**

Agradeça-nos a boa vontade, não mais.

**FAGUNDES**

Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.

**DONA CLÓRIS (à parte)**

Eu estou pasmada do sucesso!

**DONA NIZE (à parte)**

E eu não estou em mim!

**DOM TIBÚRCIO**

Ora, com licença, meus senhores, que me vou pôr em fresco. (Vai-se)

**DOM LANCEROTE**

Eu, todavia, ainda não estou sossegado. Viu vossa mercê bem na chaminé?

**SEMICÚPIO**

Para que vossa mercê descance de todo, vazarei esta quarta nos narizes daquela velha, que são duas chaminés.

**FAGUNDES**

Ai, que me ensopou! Senhor, que mal lhe fiz?

**SEMICÚPIO**

É dar-lhe a molhadura de certa obra.

**DOM LANCEROTE**

Que fez vossa mercê?

**SEMICÚPIO**

Deixe, senhor; isto é par que se lembre e tenha cuidado no fogo, que facilmente se pode atear por um acidente.

**FAGUNDES**

Vou mudar de camisa.  
(Vai-se)

**DONA NIZE**

Tomara aproveitar os cacos para a minha Manjerona.

**DOM LANCEROTE**

Esta advertência merece esta moça, que é uma descuidada, que por seus desmazelos me deixou furtar um capote.

(Cantam Dom Lancerote, Sevadilha, Semicúpio, Dona Clóris e Dona Nize a seguinte Ária a 5)

**DOM LANCEROTE**

*Tu, moça, tu tonta  
Sentido no fogo,  
Senão tu verás.*

**SEVADILHA**

*Debalde é o seu rogo,  
Que fogo sem fumo  
Não é bom sinal.*

**SEMICÚPIO**

*Que linda pilhagem,  
Que fogo selvagem,  
Que lambe voraz!*

**DONA CLÓRIS**

*Não sente quem ama.*

**DONA NIZE**

*Não temo esta chama.*

**AMBAS**

*Que é fogo de amor.*

**DOM LANCEROTE**

*Cuidado no fogo.*

**SEVADILHA**

*Debalde é o seu rogo.*

**DOM LANCEROTE****e SEVADILHA**

*Que fogo sem fumo  
Não é bom sinal.*

**DOM LANCEROTE**

*Sentido, cuidado.*

**SEMICÚPIO**

*Que fogo selvagem.*

**TODOS** (exceto Dom

*Lancerote)*

*Que é fogo de amor.*

**TODOS**

*Cuidado, pois, cuidado,  
Que algum furor vendado  
Fulmina tanto ardar.*

**SEGUNDA PARTE****CENA I**

*Praça. Entram Dom Gilvaz e Semicúpio.*

**DOM GILVAZ**

Ainda não sei cabalmente aplaudir a tua indústria, ó insigne Semicúpio.

**SEMICÚPIO**

Nem aplaudir, nem agradecer, senhor Dom Gilvaz.

**DOM GILVAZ**

As tuas ideias são tão impossíveis de aplaudir como de agradecer, pois todo o prêmio é diminuto e todo o louvor limitado.

**SEMICÚPIO**

Visto isso, eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrórios: mais obras, e menos palavras; eu quero que me ajuste a minha conta.

**SEMICÚPIO**

Não há de ser má esta encaixação. Arre, o que pesa a criança!

**DOM FUAS**

Ai, que me esmagam os narizes!

**DOM GILVAZ**

Quem está aqui? Espera, vejamos o que é.

**SEMICÚPIO**

O que for lá se achará.

**DOM GILVAZ**

Espera, que isto é traição.

**DOM FUAS**

Homem dos diabos, não me esborraches.

**DOM GILVAZ**

Aqui-del-rei, não há quem me acuda?

**SEMICÚPIO**

Cale-se, tamanho, que para boa casa vai. (Vai-se)

**CENA II**

*Sala. Entram Dom Tibúrcio e Sevadilha.*

**DOM TIBÚRCIO**

Sevadilha, agora que estamos sós, quero-te pedir um conselho.

**SEVADILHA**

Se vossa mercê acha que lhos posso dar, proponha que eu resolverei.

**DOM TIBÚRCIO**

Tu bem sabes que eu vim para casar com uma destas duas primas minhas; ambas são belas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada uma, para que escolha do mal o menos.

**SEVADILHA**

Senhor, ambas são mui bastante moças, a senhora Dona Clóris é mui perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a senhora Dona Nize tem melhor juízo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade; e tanto, que sendo tão rapariga, já lhe nasceu o dente do siso; porém na condição é uma víbora assanhada.

**DOM TIBÚRCIO**

Não sei, Sevadilha, o que faça neste caso.

**SEVADILHA**

Não casar com nenhuma.

**DOM TIBÚRCIO**

Pois eu vim cá por besta de pau?

**SEVADILHA**

Eu digo o que entendo em minha consciência.

**DOM TIBÚRCIO**

Oh, se pudera eu casar contigo, Sevadilha, porque só tu me caíste em graça!

**SEVADILHA**

Ai, que graça! Diga-me isso outra vez.

**DOM TIBÚRCIO**

Não zombo, que não estou fora de fazer eu uma parvoíce.

**SEVADILHA**

Não será a primeira.

**DOM TIBÚRCIO**

Queres tu que fujaamos? Olha, que estou com minhas tentações de te fazer dona da minha casa.

**SEVADILHA**

Diga-me destas, que gosto disso.

**DOM TIBÚRCIO**

Sevadilha, não percas esta fortuna.

**SEVADILHA**

Quem é a fortuna?

**DOM TIBÚRCIO**

Sou eu, que te quero.

**SEVADILHA**

Se é fortuna, será inconstante.

**DOM TIBÚRCIO**

Ai, que a moça me fala por equívocos! És discreta.

**SEVADILHA**

Ora vá-se com a fortuna.

(Entra Semicúpio com a caixa às costas)

**SEMICÚPIO**

Quem toma conta deste arcaz?

**DOM TIBÚRCIO**

Quem a manda?

**SEMICÚPIO**

Uma mulher já de dias grandes, porque era bastantemente velha.

**DOM TIBÚRCIO**

A mim me melem, se isto não é já alguma preparação para o casamento.

**SEMICÚPIO**

Vossa mercê parece que adivinha, pois para casamento é, segundo ouvi dizer a um terceiro.

**DOM TIBÚRCIO**

Sabes, o que virá aí dentro?

**SEMICÚPIO**

Cuido que é um vestido.

**DOM TIBÚRCIO**

E que tal?

**SEMICÚPIO**

Belo na verdade, bordado com uns vivos brancos, e de cores tão vivas, que estão saltando.

**DOM TIBÚRCIO**

É de mulher ou de homem?

**SEMICÚPIO**

Tudo o que aqui vem é para mulher.

**DOM TIBÚRCIO**  
Cuidei que era para mim.

**SEVADILHA** (à parte)  
Aquele é Semicúpio; ele que carrega a caixa não é sem causa.

**SEMICÚPIO** (à parte)  
Sevadilha lá me está deitando uns olhos que se vão os meus trás deles.

**DOM TIBÚRCIO**  
Já te pagaram?

**SEMICÚPIO**  
Não, senhor, mas eu esperarei pela velha.

**DOM TIBÚRCIO**  
Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajustemos o negócio!

**SEVADILHA** (à parte)  
É boa esta, ouvindo-me Semicúpio!

**DOM TIBÚRCIO**  
Olha, Sevadilha, eu te quero tanto que fecharei os olhos a tudo, só por casar contigo.

**SEMICÚPIO** (à parte)  
Tome-se lá, o que estavam ajustando os dois! Eu lho estorvarei.

**DOM TIBÚRCIO**  
Que dizes, rapariga?

**SEMICÚPIO**  
Ah, senhor, pague-me o carroto da caixa.

**DOM TIBÚRCIO**  
Espera, que logo vem a velha.

**SEMICÚPIO** (à parte)  
Sim, pois a moça logo vai.

**DOM TIBÚRCIO**  
Tu ainda és menina, não sabes o que te convém.

**SEVADILHA**  
Eu não necessito de tutores.

**DOM TIBÚRCIO**  
Olha, que eu sou Morgado na minha terra, e terás tantos e quantos.

**SEMICÚPIO**  
Senhor, pague-me o carroto da caixa, que não posso esperar.

**DOM TIBÚRCIO**  
Logo, espera; ora, Sevadilha, isso há de ser, dá-me um abraço.

**SEMICÚPIO**  
Venha o carroto da caixa; é boa essa!

**SEVADILHA**  
É boa teima!

**DOM TIBÚRCIO**  
Pois dá-me ao menos esse Malmequer por prenda tua.

**SEMICÚPIO**  
Ora venha já esse carroto, senão tudo vai cos diabos.

**DOM TIBÚRCIO**  
Espera, homem; ouve, mulher.

**SEVADILHA**  
Vá-se daí, malcriado, aleivoso, maligno; é o que me faltava!

(Canta Sevadilha a seguinte Ária)

*Que um tonto jarreta,  
Que um néscio pateta,  
Me fale em amor,  
Ou é para rir,  
Ou para chorar.*

*Não cuide em amores,  
Que nesses ardores,  
Se pode fregar,  
Se pode abrasar. (Vai-se)*

**SEMICÚPIO**  
Regalou-me esta Ária: vou dizer a Sevadilha, «diga a Dona Clóris, que ali está meu amo», e finjo que me vou. Senhor, adeus, eu virei noutra ocasião. (Vai-se)

(Entra Dom Lancerote com um castiçal e vela acesa, e a porá em cima da caixa, donde ao depois se assentaráo)

**DOM LANCEROTE**  
Sobrinho, vós bem sabeis que um hóspede, passados os três dias, logo fede, como cavalo morto; isto não é dizer que fedeis, mas vos afirmo que me não cheira bem vossa irresolução, vendo que indeciso ainda não elegestes qual de vossas primas há de ser vossa consorte.

**DOM TIBÚRCIO**  
Senhor, as perfeições de cada uma são tão peregrinas, que vacila a vontade na eleição dos sujeitos; pois quando me vejo entre Clóris e Nize, me parece que estou entre Cila e Caríbdis.

**DOM LANCEROTE**  
Pois, sobrinho, resolver, resolver logo, e já.

**DOM TIBÚRCIO**  
Pois, senhor, se a um enforcado se dão três dias, eu que no casar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca quem mal se casa, peço três dias também para me resolver.

**DOM LANCEROTE**  
Três dias peremptórios concedo; e para que não haja dúvidas no dote, assentai-vos, e sabereis, o que haveis de levar.

(Assentam-se)

**DOM TIBÚRCIO**  
Isso é santo e bom, para que não seja a noiva de contado, e o dote de prometido.

**DOM LANCEROTE**  
Eu, meu sobrinho, suposto tenha corrido muito mundo, contudo me acho alcançado.

**DOM TIBÚRCIO**  
Isso é bonito!

**DOM LANCEROTE**  
Primeiramente cada uma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

**DOM TIBÚRCIO**  
Sim, senhor, são muito asseadas, nisso não há dúvida.

**DOM LANCEROTE**  
Além disso: estai atento, meu sobrinho, não deis salabancos com a caixa, que isso é manha de bestas. (Bole a caixa)

**DOM TIBÚRCIO**  
Estou com os cinco sentidos bem quietos.

**DOM LANCEROTE**  
Como digo, sabereis que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Não estareis quieto! (Bole a caixa)

**DOM TIBÚRCIO**  
Não sou eu, por vida minha.

**DOM LANCEROTE**  
Não vedes a caixa a saltar?

**DOM TIBÚRCIO**  
É verdade; será de contente.

(Cai a caixa com os dois)

**DOM LANCEROTE**  
Isto agora é mais comprido.

**DOM TIBÚRCIO**  
E isto é mais estirado.

**DOM LANCEROTE**  
Ai, quem me acode com uma luz!

(Entram Dona Clóris, Dona Nize, Fagundes e Sevadilha com luz)

**TODOS**  
Que sucedeu?

**DOM TIBÚRCIO**  
O maior caso, que viram as idades.

**DOM LANCEROTE**  
Eu, que na maior idade vi o maior caso.

**DONA NIZE**  
Pois que foi?

**DONA CLÓRIS**  
Que sucedeu, senhores?

**SEVADILHA**  
Que é isto?

**FAGUNDES**  
Que foi? Que sucedeu? Que é isto?

**DOM TIBÚRCIO**  
Esta caixa.

**DOM LANCEROTE**  
Esta arca.

**DOM TIBÚRCIO**  
Que em torcicolos.

**DOM LANCEROTE**  
Que em bamboleios.

**DOM TIBÚRCIO**  
Com pulos.

**DOM LANCEROTE**  
Com saltos.

**DOM TIBÚRCIO**  
Deitou-me no chão.

**DOM LANCEROTE**  
No chão me estendeu.

**DONA NIZE**  
É raro caso!

**DONA CLÓRIS**  
E caso raro!

**SEVADILHA**  
É, não há dúvida: ai, que ela torna a bulir! Fujamos, senhores.

**FAGUNDES** (à parte)  
Valha-te o diabo, Dom Fuas, que tão inquieto és!

**DOM LANCEROTE**  
Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

**DOM TIBÚRCIO**  
Diz bem, abra-se a caixa.

**DONA NIZE** (à parte)  
Ai de mim, que será de Dom Fuas!

**DONA CLÓRIS** (à parte)  
Que será de D. Gil!

**DOM TIBÚRCIO**  
Vá o tampo dentro.

**SEVADILHA**  
Tenham mão, que pode vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

**FAGUNDES**  
Ai, santo breve da marca!

**DONA NIZE**

Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

**DOM LANCEROTE**

Vamo-nos, que a prudência é melhor que o valor. (Vai-se)

**DOM TIBÚRCIO**

Pois só não quero ser valente. (Vai-se e leva a luz)

**SEVADILHA**

Ai! Não sei que pés me hão de levar! Ande, senhora.

**DONA CLÓRIS**

Fazes bem em disfarçar até ao depois. (Vai-se)

**FAGUNDES**

A caixa parece que tocou a recolher.

**DONA NIZE**

E não foi o pior o ficarmos às escuras, que assim terão todos medo de vir aqui: ora, abre a caixa e dize a Dom Fuas que saia.

**FAGUNDES**

Ai, a caixa está aberta! Seria com os salabancos: saia, meu senhor, e perdoe o descómodo.

(Abre a caixa e sai Dom Gilvaz)

**DOM GILVAZ**

Ó tu, noturna deidade, que no caliginoso bosque destas sombras brilhas carbúnculo da formosura, aqui tens segunda vez no teatro de tua beleza representante a minha Constância na Tragicomédia de meu amor.

**FAGUNDES**

Senhora, quem às escuras

é tão discreto, que fará às claras?

**DONA NIZE**

Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas, porém...

(Sai Dom Fuas da caixa)

**DOM FUAS**

Porém o teu engano, falsa, inimiga.

**DONA NIZE**

Que é isto, Fagundes? Que tramoias são estas?

**FAGUNDES**

Eu estou besta, pois só a Dom Fuas meti na caixa!

**DONA NIZE**

Pois como há aqui outro, fora Dom Fuas?

**DONA CLÓRIS**

Que se expusesse Dom Gil ao perigo de vir em uma caixa a meu respeito! Ora, o certo é que não há mais extremoso amante.

**DOM GILVAZ** (à parte)

Aquela voz é de Dona Clóris; estou ardendo de zelos!

(Cantam Dom Fuas, Dom Gilvaz e Dona Clóris a seguinte Ária a 3)

**DOM GILVAZ**

*Se não fora por não sei quê, Te matara mesmo aqui.*

**DOM FUAS**

*Se não fora o velho ali Te fizera um não sei quê.*

**DONA CLÓRIS**

*De mansinho, pouca bulha, Cal-te gralha, cal-te grulha,*

*Porque o velho há de acordar.*

**DOM GILVAZ**

*Pois aqui mui mansamente Matarei este insolente.*

**DOM FUAS**

*Também eu pela calada Meterei a minha espada.*

**DONA CLÓRIS**

*Devagar, não deem de rijo, Porque o velho há de acordar.*

**TODOS**

*Quem pudera em tanta luta Sua dor desabafar!*

**DOM FUAS e DOM GILVAZ**

*Se não grito neste caso, Sou capaz de rebentar.*

**DONA CLÓRIS**

*Mais que estalem, e arreentem, Não se há de aqui falar.*

**TODOS**

*Não se pode isto aturar! (Vão-se)*

(Entra Semicúpio pela mão de Sevadilha)

**SEMICÚPIO**

Donde me levas, Sevadilha?

**SEVADILHA**

Ande, não me faça perguntas.

**SEMICÚPIO**

Não há uma candeia nesta casa que se me meta na mão, que estou morrendo por te ver?

**SEVADILHA**

Melhor fineza é amar por fé.

**SEMICÚPIO**

Como, se eu não dou fé de ti?

**SEVADILHA**

Ande, que o amor se pinta cego.

**SEMICÚPIO**

Muito vai do vivo ao pintado.

**SEVADILHA**

Assim estamos mais à nossa vontade.

**SEMICÚPIO**

Andar, suponho, que tenho o meu amor na Noruega; mas ainda assim isto de estar às escuras, não é grande coisa para um homem dizer à sua Dama quatro hipérboles, pois se não vejo, como poderei dizer-te que és estátua de alabastro sobre plintos de jaspe neve vivente, e racional sorvete, mas só carapinhada, pois negra te considero nesta Etiópia: oh, negregada ocasião em que por falta de uma candeia não sai à luz a tua formosura!

**SEVADILHA**

Pois o fogo de teu amor não basta para alumiar esta casa?

**SEMICÚPIO**

Se a luz excessiva faz cegar, também a minha chama por excessiva não alumia; mas com tudo isto não nos metamos no escuro; falemos claro: como estamos nós daquilo, que chamamos amor?

**SEVADILHA**

E como estamos nós do Malmequer, que esse é o ponto?

**SEMICÚPIO**

Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundação de meu pranto.

**SEVADILHA**

E teu amo com o Alecrim?

**SEMICÚPIO**

Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê, lhe parece que é Alecrim; estoutro dia estava teimoso, em que havia de cear salada de Alecrim, mais que o levasse o diabo. Olha, para contar-te as loucuras que faz, assentemo-nos, que isto se não pode levar de pé.

(Assenta-se Semicúpio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cai dentro da caixa, que se fechará com a dita queda)

**SEMICÚPIO**

Mas, ai, Sevadilha, que caí num poço sem fundo!

**SEVADILHA**

Aonde estás, Semicúpio?

**SEMICÚPIO**

Não sei aonde estou; só sei, que estou aqui.

**SEVADILHA**

Aonde é aqui?

**SEMICÚPIO**

É aqui.

**SEVADILHA**

Aqui aonde?

**SEMICÚPIO**

É boa pergunta! Eu sei cá donde são os aquis na casa alheia? Sei que estou aqui num fole como criança, que nasce implicada, mas sem ventura.

**SEVADILHA**

Pois sai daí, e anda para aqui.

**SEMICÚPIO**

Isso é, se seu soubera ir daqui para aí.

**SEVADILHA**

Quem te impede?

**SEMICÚPIO**

Estou entupido.

**SEVADILHA**

Dá dois espirros.

**SEMICÚPIO**

Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro dela. Ora, filha, tira-me daqui, tu não ouves?

**SEVADILHA**

Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

**SEMICÚPIO**

Busca-me fora de mim, porque não estou dentro em mim, metido nesta sepultura, donde só campa por infeliz a minha desventura.

**SEVADILHA**

Cala-te, Semicúpio, que aí vem gente com luzes; adeus, até logo. (vai-se)

(Entram Dom Lancerote com uma luz, e Dom Tibúrcio)

**DOM LANCEROTE**

Apuremos este encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabelo se arrepie.

**DOM TIBÚRCIO**

Se for coisa desta vida, ficará sem ela, e se for da outra, a mandarei para outro mundo.

**DOM LANCEROTE**

Pois, sobrinho, abri esta caixa com intrépido valor.

**DOM TIBÚRCIO**

Abra vossa mercê, que é mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

**DOM LANCEROTE**

Deixai cumprimentos, que a ocasião não é para cerimónias.

**DOM TIBÚRCIO**

Por nenhum modo; não tem que se cansar, que lhe não quero tirar a glória desta empresa.

**DOM LANCEROTE (à parte)**

O magano contralogrrou-me; pois eu confesso, que estou tremendo de medo.

**DOM TIBÚRCIO (à parte)**

Queria arrumar-me o gigante? É bem esperto.

**DOM LANCEROTE**

Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?

**DOM TIBÚRCIO**

Vá, não haja cumprimentos, que eu sou de casa.

**DOM LANCEROTE**

Não há mais remédio, que ir eu em corpo e alma, a ver esta alma sem corpo ou este corpo sem alma. Deus vá comigo, Anjo da minha guarda, e todo o *Flos Sanctorum* me defenda.

**DOM TIBÚRCIO**

Ande, tio, não tenha medo, que eu estou aqui.

**DOM LANCEROTE (à parte)**

Pois se não fora isso já eu deitava a correr.

**SEMICÚPIO**

Ai, que sem dúvida estou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentam reconhecer: eu lhes tocarei a caixa.

(Chega-se Dom Lancerote à caixa, e tanto que a abre, deita Semicúpio a cabeça de fora, e dá um assopro na vela)

**DOM LANCEROTE**

Ó tu quem quer que és, que estás nesta caixa... mas ai, que me apagaram a vela com um assopro!

**DOM TIBÚRCIO**

Assopra!

**SEMICÚPIO**

Mui fraca era aquela luz, pois de um assopro a derribei.

**DOM LANCEROTE**

Sobrinho, vós estais aí?

**DOM TIBÚRCIO**

Como se não estivera.

**DOM LANCEROTE**

Quem seria o cruel que tão aleivosamente matou uma inocente luz a assopros frios!

**SEMICÚPIO**

Deus lhe perdoe, que era uma luz a todas as luzes boa: mas eu quero safar-me daqui, e temo marrar de narizes com alguém; mas que remédio?

**DOM LANCEROTE**

Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho! Ide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.

**DOM TIBÚRCIO**

Veja vossa mercê como chama cobarde?

**DOM LANCEROTE**

Calai-vos, abóbora, que degenerais de quem sois.

**DOM TIBÚRCIO**

A mim abóbora?

**SEMICÚPIO**

Agora é boa ocasião de ir-me; porque ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros: lá vai o primeiro. (Dá)

**DOM LANCEROTE**

Ó mal ensinado, pondez mãos violentas em vosso tio?

**SEMICÚPIO**

Eu abrirei caminho desta sorte, dando a trouxe-mouxe. (Dá)

**DOM TIBÚRCIO**

É boa essa, senhor tio, assim se dá num barbado?

**DOM LANCEROTE**

Calai-vos, maganão, que não haveis de casar: mas, ai, que me destes uma bofetada com a mão aberta? Aque-d'El-rei sobre este magano de meu sobrinho! (Vai-se)

**DOM TIBÚRCIO**

Aque-d'El-rei sobre este caduco de meu tio! (Vai-se)

**SEMICÚPIO**

Aque-d'El-rei que já me deixaram. (Vai-se)

**CENA III**

*Câmara. Entram Dom Gilvaz e Dona Nize.*

(Entram Semicúpio e Sevadilha)

**SEVADILHA**

Não me dirás, Semicúpio, em que há de parar toda esta barafunda?

**SEMICÚPIO**

Em algum casamento, isso já se sabe; tomara eu também que me disseses em que havemos nós parar?

**SEVADILHA**

Em correr, que se paramos aqui talvez que nos envidem o resto.

**SEMICÚPIO**

Não embaralhes o sentido em que te falo. Ai, Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas também aos narizes! E assim não ponhas por estanque os teus favores: antes afável, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.

**SEVADILHA**

Quem te meteu esses fumos na cabeça!

**SEMICÚPIO**

O dó que tenho de te ver tão matadora.

**SEVADILHA**

Vai-te daí, que tenho nojo de chegar-me a ti.

**SEMICÚPIO**

Eu não te mereço, que me descomponhas o carinho com que te trato. Ai, Sevadilha, que sinto assar-me nos espetos

quentes de teus olhos, aonde os repetidos espirros de meu incêndio...

**SEVADILHA**

Se me dissesas isso em dois dedos de papel, ainda te crera.

**SEMICÚPIO**

Não só em dois dedos, mas em toda a mão da solfa, donde verás de teu Semicúpio as finas cláusulas de suas semicopadas.

(Canta Semicúpio, espirrando no fim de cada verso, a seguinte Ária)

*Não posso, ó Sevadi...  
Dizer-te, o que padê...  
Que o meu amor trave...  
Chegando-me aos nari...  
Num moto contínuo me faz  
espirrar.*

*Mas se é tafalaria  
Este vício de querer-te,  
Toda inteira hei de sorver-te,  
Por mais que me veja  
morrer, e estalar. (Vai-se)*

**SEVADILHA**

Ora, Deus o ajude com tanto espirrar.

(Entram Dom Lancerote e Dom Tibúrcio)

**DOM LANCEROTE**

Basta, sobrinho, que não fostes vós, o que me derreastes?

**DOM TIBÚRCIO**

Pois acha vossa mercê, que havia pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de vossa mercê? Igual eu me podia com mais razão queixar de vossa mercê, que me fez em estilhas.

**DOM LANCEROTE**

Eu, sobrinho? Isso é engano; eu havia erguer a mão para vós, quando só as devo levantar ao Céu, para dar-lhe graças, por dar-me para uma de minhas sobrinhas um noivo tão gentil-homem?

**DOM TIBÚRCIO**

Não vai a dar quebranto.

**SEVADILHA (à parte)**

E ele, que é mui belo.

**DOM TIBÚRCIO**

Pois se nenhum de nós reciprocamente deu um no outro, quem seria?

**DOM LANCEROTE**

Eu também não posso atinar; o que sei é que a caixa para nós foi de guerra.

**SEVADILHA (à parte)**

E para o noivo, de tartaruga do Alentejo.

**DOM LANCEROTE**

Sevadilha, anda cá, não o negues: quem andarás nesta casa; há um par de noites que sinto grande rebuliço?

**SEVADILHA**

Senhor, eu tenho para mim que esta casa às escuras é assombrada.

**DOM LANCEROTE**

Tens visto alguma coisa?

**SEVADILHA**

Ai, senhor, tenho visto tantas coisas, que não me atrevo a dizê-las.

**DOM LANCEROTE**

Diz, rapariga.

**SEVADILHA**

Só em cuidar no que vi, estou para me desmaiar.

**DOM LANCEROTE**

Era coisa do outro mundo?

**SEVADILHA**

Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

**DOM LANCEROTE**

Era fantasma?

**SEVADILHA**

O que é fantasma?

**DOM LANCEROTE**

É uma coisa branca, que põe os olhos em alvo.

**SEVADILHA**

Senhor, eu não sei o que é; sei somente que vi sair de uma caixa uma coisa como furação de vento, que me deu muita pancada.

**DOM LANCEROTE**

Vedes sobrinho? É o mesmo que nos sucede em carne.

**DOM TIBÚRCIO**

Na carne aliás.

**DOM LANCEROTE**

Aqui não há outro remédio mais que safares logo, e já, e levares vossa mulher convosco, que eu ponho escritos nas casas, e mudo-me às carreiras.

**DOM TIBÚRCIO**

Isso é o verdadeiro.

**DOM LANCEROTE**

Sevadilha, vai chamar as raparigas que venham cá depressa.

**SEVADILHA (à parte)**

Genro, e sogro, não os vi mais bestas! (Vai-se)

**DOM TIBÚRCIO**

Para que manda vossa mercê chamar a minhas primas tão depressa?

**DOM LANCEROTE**

Logo vereis.

(Entram Dona Clóris e Dona Nize)

**AMBAS:** Que nos ordenas, senhor?

**DOM LANCEROTE**

Sobrinho, elas aí estão, escolhei uma das duas para vossa esposa.

**DONA CLÓRIS**

Eu fiz voto de ser freira, e assim não posso casar.

**DOM LANCEROTE**

Pois case Dona Nize.

**DONA NIZE**

Eu menos, que quero ser donzela.

**DOM LANCEROTE**

Isso já não pode ser, que dei a minha palavra, que vale mais que tudo.

**DOM TIBÚRCIO**

Eu já me resolvera a aturar a ríspida condição de Dona Nize, mas sem receber o dote, não me recebo.

**DOM LANCEROTE**

Andai, que sois um impolítico; algum homem que tem brio, fala em dote?

**DOM TIBÚRCIO**

E algum homem, que quer dote, atenta em brio?

(Entram Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicúpio vestidos de mulher com mantos)

**SEMICÚPIO**

Senhor, esta indústria nos valha que, para sair, sempre foi boa uma saia.

**DOM GILVAZ (à parte)**

Quem serve a Cupido, não é muito que se afemine.

**DOM FUAS (à parte)**

Até nisto mostra o amor que é cobarde.

**DOM LANCEROTE**

Que mulheres são essas, que saem da nossa alcova?

**DONA CLÓRIS (à parte)**

Estou tremendo não se descubra a tramoia.

**SEMICÚPIO**

Senhor Dom Tibúrcio, as mulheres honradas, como eu, se não tratam desta sorte.

**DOM TIBÚRCIO**

Senhora, vossa mercê vem enganada.

**DOM LANCEROTE**

Que é isto, sobrinho?

**DOM TIBÚRCIO**

Eu o não sei em minha consciência.

**DOM LANCEROTE**

Senhoras, como entrastes nesta casa?

**SEMICÚPIO**

Este senhor, sobrinho de vossa mercê, merecia que lhe dessem duas facadas, pois sem alma, nem consciência, depois de o introduzir na minha casa, para casar com uma de minhas filhas, que vossa mercê aqui vê, teve tais ardis que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas sentir, esta

madrugada, nos mandou viéssemos a esta casa, que disse era sua e no cabo sei que não é, e está para casar com uma sobrinha de vossa mercê. Ah, traidor, ladrão, não sei como te não esgadanho e te arranco essas goelas.

**DOM LANCEROTE**

É notável caso! Sobrinho desalmado, que é o que fizestes?

**DOM TIBÚRCIO**

Senhor, eu estou tolo de ver mentir esta mulher!

**DOM GILVAZ**

Ah, falso Dom Tibúrcio, o Céu me vingue de tuas falsidades.

**DOM FUAS**

Ainda nega o magano? Tal estou, que lhe arrancara estas barbas.

**SEMICÚPIO**

Deixai, filhas, deixai, que ainda no Céu há raios e no inferno a Caldeira de Pêro Botelho para castigo de velhacos. Vamos, meninas. (Vão-se)

**DONA CLÓRIS (à parte)**

Já estamos livres deste susto.

**DONA NIZE (à parte)**

O criado vale um milhão.

**DOM LANCEROTE**

Senhor sobrinho, vossa mercê a tem feito como os seus narizes; basta, que vossa mercê é useiro e vezeiro a enganar moças?

**DOM TIBÚRCIO**

Senhor, eu não conheço tais mulheres.

**DOM LANCEROTE**

Se não tendes outra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo que por isso dilatáveis o casar com vossas primas, fingindo irresoluções e regateando o dote.

**DOM TIBÚRCIO**

Senhor, permita Deus, que se eu...

**DOM LANCEROTE**

Não jureis falso; dizei-me, e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem atenção ao decoro de vossas primas?

**DOM TIBÚRCIO**

Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou tão inocente...

**DONA CLÓRIS**

Cale-se, tenha juízo; basta, que com esse feitio nos queria lograr?

**DONA NIZE**

É o senhor sisudo, que não aprovava os ranchos de Alecrim e Manjerona!

**DOM TIBÚRCIO**

Ora basta, que diga eu que não conheço tais mulheres.

**DONA CLÓRIS**

Cale-se, tonto.

**DONA NIZE**

Cale-se, simples.

**DONA CLÓRIS**

Basbaque.

**DONA NIZE**

Insolente.

**AMBAS**

Quê? Agora casar? Aqui para trás. (Vão-se)

**DOM TIBÚRCIO**

Não há homem mais infeliz!

**CENA IV**

*Praça. Entram Dom Gilvaz e Semicúpio.*

**DOM GILVAZ**

Uma e muitas vezes te considero, Semicúpio, prodigioso artífice de meu amor, pois com as tuas máquinas vais erigindo o retorcido tálamo que há de ser trono do mais ditoso Himeneu.

**SEMICÚPIO**

Já disse a vossa mercê que mais obras e menos palavras. Semicúpio, senhor, já se acha mui cansado, tomara que me aposentasse com meio soldo, que este ofício de alcova é mui perigoso; que suposto tenha asas para fugir, também as asas têm penas para sentir.

**DOM GILVAZ**

Semicúpio, já o pior é passado: acabemos de deitar esta nau ao mar, que então teremos enchentes.

**SEMICÚPIO**

E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

**DOM GILVAZ**

Anda, não desmaies, que hoje havemos mostrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

**SEMICÚPIO**

E a Manjerona todavia não menos viçosa com os borrifos de Fagundes.

**DOM GILVAZ**

Mas a galanteria é que todas as suas ideias redundam em nosso proveito.

**SEMICÚPIO**

Aí é que está a filigrana do jogo, Fagundes a semear e nós a colher.

(Entra Sevadilha com mantilha)

**DOM GILVAZ**

Aquela que lá vem, não é Sevadilha?

**SEMICÚPIO**

Pelo cheiro assim me parece.

**DOM GILVAZ**

Que novidade é essa, Sevadilha? Tu só, por aqui?

**SEVADILHA**

Que há de ser? A maior desgraça do mundo.

**DOM GILVAZ**

Quê? Morreu o velho!

**SEVADILHA**

Isso então seria fortuna.

**DOM GILVAZ**

Pois que foi?

**SEVADILHA**

Foi, que Dom Tibúrcio com a pena de se ver acometido de três mulheres, como vossa mercê sabe, à vista das noivas e do sogro, tomou tal paixão, que lhe deu esta noite uma cólica e está quase indo-se por um fio; e, assim, eu por uma parte, Fagundes e o Galego por ambas, vamos a chamar o Médico. Adeus, que me não posso deter.

**SEMICÚPIO**

Há tal pressa! Como se estivesse alguém para morrer!

**SEVADILHA**

Não vês que vou acudir a esta grande necessidade?

**SEMICÚPIO**

Vai-te, filha, vai-te, não te sofras.

**SEVADILHA**

Bem puderas tu poupar-me essas passadas, e ir chamar um médico às carreiras.

**SEMICÚPIO**

Vai descansada, que eu chamarei o médico.

**DOM GILVAZ**

Sim, com muito gosto.

**SEVADILHA**

Ora, faça-me esse favor, e adeus. (Vai-se)

**DOM GILVAZ**

Anda depressa, vai chamar o Médico.

**SEMICÚPIO**

Que Médico? Cuide noutra coisa.

**DOM GILVAZ**

Isso é zombaria. Não permita Deus que o homem morra por nossa omissão.

**SEMICÚPIO**

Vamos, que eu e vossa mercê havemos ser os Médicos na enfermidade de Dom Tibúrcio.

**DOM GILVAZ**

Estás louco? Pois nós sabemos Medicina?

**SEMICÚPIO**

Assim como há filosofia natural, por que não haverá natural medicina?

**DOM GILVAZ**

E se o doente morrer por falta de remédio?

**SEMICÚPIO**

Mais depressa morrerá por muitos remédios.

**DOM GILVAZ**

E que lhe havemos aplicar?

**SEMICÚPIO**

Tudo o que não for veneno: porque o que não mata, engorda.

**DOM GILVAZ**

Isso é temeridade.

**SEMICÚPIO**

Vamos, senhor, e Deus sobre tudo.

(Entra Dom Fuas)

**DOM FUAS**

Espera, traidor D. Gil.

**SEMICÚPIO**

Ai, que isto é alguma espera!

**DOM GILVAZ**

Que me quereis, Dom Fuas?

**DOM FUAS**

Que metais a mão a essa espada.

**DOM GILVAZ**

Para quê?

**SEMICÚPIO**

É boa pergunta! Para que será? É para fazer alféo magana.

**DOM FUAS**

Vereis, que sabe o meu valor castigar ofensas de um amigo desleal; pois sabendo vós que Dona Nize era o ídolo da minha veneração, chegastes a profanar o meu culto com os sacrílegos votos de vossos sacrifícios, a quem suavizaram os odoríferos hábitos da Manjerona.

**SEMICÚPIO**

Ai, com os diabos!

**DOM FUAS**

E assim metei a mão a essa espada, para que se conserve Dona Nize, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.

**SEMICÚPIO**

Senhor, aqui não é lugar de desafios, vamos para Vale de Cavalinhos a jogar os coices.

**DOM GILVAZ**

Dom Fuas, estais louco? Vede, que sem causa é a vossa queixa.

**DOM FUAS**

Não quero satisfações, vamos puxando.

**SEMICÚPIO**

Este homem vem puxado.

**DOM GILVAZ**

Pois para que vejas que o satisfazer-vos não é temer-vos...

(Entra Fagundes com mantilha)

**FAGUNDES**

Cé! Ah senhor Dom Fuas, uma palavrinha depressa, que importa.

**DOM FUAS**

Aquela é Fagundes, que me quererá? Esperai, D. Gil, enquanto falo a esta mulher.

**SEMICÚPIO**

Senhor, não consinto; ou falar ou brigar.

**DOM GILVAZ**

Deixai mulheres e brigai, que estou pronto a

satisfazer-vos por este modo.

**FAGUNDES**

Senhor, venha já, depressa.

**SEMICÚPIO**

Já vai, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho a um amigo.

**FAGUNDES**

Ande, senão vou-me.

**DOM FUAS**

Espera, que eu vou.

**DOM GILVAZ**

Briguemos, Dom Fuas.

**SEMICÚPIO**

Vamos a isso, antes que se acabe a cólera.

**DOM FUAS**

D. Gil, se tendes brio, esperai, que eu venho já. (Vai para Fagundes)

**SEMICÚPIO**

Ora, vá de seu vagar, que esta pendência não é de cerimónia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos que brigar com loucos é ser mais louco. (Vai-se)

**DOM GILVAZ**

Tomo o teu conselho. (Vai-se)

**FAGUNDES**

Sim, senhor, a casa está revolta; Dom Tibúrcio nos artigos da morte e quase moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro, e à vista disto pode vossa mercê introduzir-se em casa o mais depressa, que puder, em alguma forma, que inventar a sua indústria, e adeus.

**DOM FUAS**

Ouçá cá.

**FAGUNDES**

Não posso, que vou à botica.

**DOM FUAS**

Pois essa ingrata de Dona Nize ainda...

**FAGUNDES**

Não estou para ouvir nada.

**DOM FUAS**

Espere, tome lá esses vinténs pelo trabalho.

**FAGUNDES**

Mostre cá depressa.

**DOM FUAS**

Ora diga-me, pois Dona Nize...

**FAGUNDES**

Noutra ocasião falaremos, venha isso depressa.

**DOM FUAS**

Tome lá: mas diga-me, enquanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...

**FAGUNDES**

Ai, mostre cá, não me detenha.

**DOM FUAS**

Espere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

**FAGUNDES**

Pois, senhor, se a sua bolsa está aferrolhada, a minha língua está ferrugenta. (Vai-se)

**DOM FUAS**

Muito interessada é esta velha! Mas aonde está D. Gil? D. Gil? Foi-se o cobarde; mas à fé de quem sou, que as não há de

perder comigo, e tu, ingrata Nize, hoje irei a ver-te disfarçado; que à vista das tuas falsidades é justo que me revista não só de outro hábito, mas também de outro afeto.

(Canta Dom Fuas a seguinte Ária)

*De um amigo, e de uma ingrata  
Ofendido, e ultrajado?  
Quem me dera ver vingado!  
Oh não sei como ainda cabe  
No meu peito tanta dor!*

*Mas sim, cabe, porque as penas  
Nos estragos repartidas  
Pelas bocas das feridas  
Sairão com mais vigor.  
(Vai-se)*

## CENA V

*Câmara. Haverá uma cama e nela estará Dom Tibúrcio deitado, assistido de Dom Lancerote, Dona Clóris, Dona Nize e Sevadilha.*

**DOM LANCEROTE**  
O que tarda este Médico!

**SEVADILHA**  
Não pode tardar muito; pois me disse que já vinha.

**DOM LANCEROTE**  
Como estais agora, meu sobrinho?

**DOM TIBÚRCIO**  
Depois que arrotei acho-me mais aliviado.

**DONA NIZE** (à parte)  
Vaso mau não quebra.

**DONA CLÓRIS** (à parte)

Se fora coisa boa, não havia de escapar.

**DOM LANCEROTE**  
Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro, que havia ser luzido; vós o veríeis.

**DOM TIBÚRCIO**  
Outro tanto desejo eu fazer a Vossa Mercê.

(Entram Dom Gilvaz e Semicúpio vestidos de Médico)

**SEMICÚPIO**  
*Deo gratias.*

**DOM LANCEROTE**  
Entrem, meus senhores Doutores.

**DOM GILVAZ** (à parte)  
Em boa me meteu Semicúpio! Eu não sei o que hei de dizer.

**SEMICÚPIO**  
Qual de vossas mercês é aqui o doente?

**DOM LANCEROTE**  
É este que aqui está de cama.

**SEMICÚPIO**  
Logo me pareceu pelos sintomas.  
**SEVADILHA** (para D. Clóris)  
Senhora, que são Semicúpio e D. Gil.

**DONA CLÓRIS**  
Bem os vejo: Nize, que te parece?

**DONA NIZE**  
Que faz melhor efeito o teu Alecrim, que a minha Manjerona.

(Entram Dom Fuas e Fagundes)

**FAGUNDES**  
Entre senhor Doutor, aqui vem este senhor, que também se entende muito bem.

**DOM FUAS**  
Neste instante chego de fora da terra, quando logo me chamou esta mulher que viesse a ver um enfermo.

**DOM LANCEROTE**  
Já era escusado; porém entre, e sente-se.

**DONA CLÓRIS**  
Nize, Dom Fuas compete nas finezas com D. Gil.

**DONA NIZE**  
Não me pesa.

**DOM FUAS** (à parte)  
Aqueles são D. Gil e Semicúpio; estou ardendo!

**SEMICÚPIO** (para Dom Gilvaz)  
Ah, senhor, não vês a D. Fuas também como gente?

**DOM GILVAZ**  
Já sei.

**DOM TIBÚRCIO**  
Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, senhor Doutor.  
**SEMICÚPIO**  
Agora vou a isso: ora, diga-me, que lhe dói?

**DOM TIBÚRCIO**  
Tenho na barriga umas dores mui finas.

**SEMICÚPIO**  
Logo as engrossaremos; e tem o ventre túmido, inchado e pululante?

**DOM TIBÚRCIO**  
Alguma coisa.

**SEMICÚPIO**  
Vossa mercê é casada, ou solteira?

**DOM TIBÚRCIO**  
Porquê, senhor Doutor?

**SEMICÚPIO**  
Porque os sinais são de prenhe.

**DOM LANCEROTE**  
Não, senhor, que meu sobrinho é macho.

**SEMICÚPIO**  
Dianteiro, ou traseiro?

**DOM LANCEROTE**  
Ui, senhor doutor! Digo, que meu sobrinho é varão.

**SEMICÚPIO**  
De aço ou de ferro?

**DOM LANCEROTE**  
É homem, não me entende?

**SEMICÚPIO**  
Ora, acabe com isso, eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulara isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe aplicava uns cravos, e se fosse varão, umas limas; e como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe há de fazer.

**DOM LANCEROTE**  
Eis aqui como gosto de ver os Médicos assim especulativos.

**SEMICÚPIO**  
Pois o mais é asneira: diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

**DOM TIBÚRCIO**  
Tanto como a futura; porque desde que me acabaram as chouriças, que trouxe no alforje, me tem meu tio posto a pão e laranja.

**DOM LANCEROTE**  
Aquilo são delírios, senhor Doutor.

**SEMICÚPIO**  
Assim deve ser por força, ainda que não queira, pois conforme ao aforismo: *Cum barriga dolet, caetera membra dolent.*

**DOM TIBÚRCIO**  
Não são delírios, senhor Doutor, que eu estou em meu juízo perfeito.

**SEMICÚPIO**  
Pior, pois quem diz que tem juízo, não o tem.

**DOM LANCEROTE**  
Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que um fantasma, que saiu de uma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena, que tem tomado de umas moças, que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.  
**SEMICÚPIO**  
Ela é muito criada de vossa mercê.

**DOM TIBÚRCIO**  
Deixemos isso; o caso é, que a minha barriga não está boa.

**SEMICÚPIO**  
Cale-se, que ainda há de ter uma boa barrigada; deite a língua fora.

**DOM TIBÚRCIO**  
Ei-la aqui.

**SEMICÚPIO**  
Deite mais, mais.

**DOM TIBÚRCIO**  
Não há mais.

**SEMICÚPIO**  
Essa bastará; é forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam, vossas mercês, Senhores Doutores.

**DOM GILVAZ**  
A língua é de prata.

**DOM FUAS**  
Húmida está bastantemente.

**SEMICÚPIO**  
Venha o pulso: está intermitente, lânguido, e convulsivo: ó menina, tomou as águas?

**SEVADILHA**  
Ainda não veio o aguadeiro.

**SEMICÚPIO**  
Pergunto se o doente fez a mija?

**DOM TIBÚRCIO**  
Nesta casa não há urinol.

**SEMICÚPIO**  
Pois tome-as, ainda que seja numa frigideira em todo o caso, *quia per orinis optime cognoscitur morbus.*

**DOM LANCEROTE**  
Ah, senhores, grande Médico!

**SEMICÚPIO**  
Ora senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo (se é que o é, que isto não pertence à Medicina) teve uma cólica procedida de

paixões internas; porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa, e viscosa, que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em líquidos: estes, pela sua virtude acre, e mordaz, vilicando, e pungindo as tunicas, e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos, e voláteis, por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuar*, disse Galeno.

**DOM LANCEROTE**  
Eu não lhe entendi palavra.

**DOM TIBÚRCIO**  
Eu morro, sem saber de quê.

**SEMICÚPIO**  
Conhecida a queixa, votem o remédio, que eu, como mais antigo, votarei em último lugar.  
**DOM GILVAZ**  
Eu sou de parecer que o sangrem.

**DOM FUAS**  
Eu, que o purguem.

**SEMICÚPIO**  
Senhores meus, a grande queixa, grande remédio; o mais eficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para cima.

**DOM TIBÚRCIO**  
Como é isso de bichas nas meninas dos olhos?

**SEMICÚPIO**  
É um remédio tópico, não se assuste que não é nada.

**DOM TIBÚRCIO**  
Vossa mercê me quer cegar?

**SEMICÚPIO**  
Cale-se aí; quantas meninas tomam bichas, e mais não cegam.

**DOM LANCEROTE**  
Calai-vos, sobrinho, que ele Médico é, e bem o entende.

**DOM TIBÚRCIO**  
Por vida de Dom Tibúrcio, que primeiro há de levar o diabo ao Médico, e à receita, que eu em tal consinta. (Ergue-se)

**SEMICÚPIO**  
Deite-se, deite-se; o homem está maníaco, e furioso.

**DOM LANCEROTE**  
Aquietai-vos, sois alguma criança?

**DONA NIZE**  
Ora senhores doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é que os informemos, eu e minha irmã, de várias queixas que padecemos.

**SEMICÚPIO**  
Inda mais essa? Ora digam.

**DONA CLÓRIS**  
Senhor, o nosso achaque é tão semelhante que com uma só receita se podem curar ambos os males.

**DONA NIZE**  
Não há dúvida que o meu achaque é o mesmo em carne que o de minha irmã.

**SEMICÚPIO**  
Achaque em carne pertence a Cirurgia.

**DONA CLÓRIS**  
Que como dormimos ambas, se nos comunicou o mesmo achaque; e assim, senhor, padecemos umas ânsias no coração, umas melancolias n' alma, uma inquietação nos sentidos, uma travessura nas potências; e finalmente, senhor Doutor, é tal este mal, que se sente sem se sentir; que dói sem doer; que abraza sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

**SEMICÚPIO**  
Basta, já sei, isso é mal Cupidista.

**DOM LANCEROTE**  
O que é mal Cupidista, que nunca tal ouvi?

**SEMICÚPIO**  
É um mal da moda.

**DONA NIZE**  
Que remédio nos dão vossas mercês?

**DOM FUAS**  
Eu dissera que o óleo da Manjerona era excelente remédio.

**DOM GILVAZ**  
O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do Alecrim.

**DOM FUAS**  
Ui, senhor Doutor, a Manjerona é um excelente remédio.

**DOM GILVAZ**  
Nada chega ao Alecrim, cujas excelentes virtudes são tantas, que para numerá-las não acha número o algarismo: e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bendita.

**DOM FUAS**  
Se entramos a especular virtudes, as da Manjerona são mais que as da erva santa.

**SEMICÚPIO**  
Daqui a pô-la no altar não vai nada.

**DOM FUAS**  
A Manjerona é planta de Vénus, de cujos ramos se coroa Cupido, e para o mal Cupidista não pode haver melhor remédio, que uma planta de Vénus; pois se notarmos a perfeição com que a natureza a revestiu daquelas mimosas folhinhas, para que todo o ano sejam hieroglífico da imortalidade; aquele suavíssimo aroma, de cuja fragrância, é hidrópico o olfato, ela é a delícia da Flora, o mimo de abril, e a esmeralda no anel da primavera.

**DONA NIZE**  
Estou tão contente! Viva o senhor Doutor, eu quero o remédio da Manjerona.

**DOM GILVAZ**  
O Alecrim, senhor, pela sua excelência é titular na república das plantas, cujas flores, depois de serem bela imitação dos cerúleos globos, são a doçura do mundo nos melíferos

ósculos das abelhas. Ele é a coroa dos jardins; o lenço vegetável das lágrimas da Aurora; nas chamas é Fénix; nas águas Rainha; e finalmente é o antídoto universal de todos os males, e a mais segura tábua da vida, quando no mar das queixas sopram os ventos inficionados.

**DONA CLÓRIS**  
Viva o senhor Doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

**DOM TIBÚRCIO**  
E morra o senhor doente: ai minha barriga!

**DOM LANCEROTE**  
Não cuidei que a Manjerona e Alecrim tinham tais virtudes. Vejamos agora o que diz o senhor Doutor.

**DOM TIBÚRCIO**  
Que tenho eu com isso? Senhores, vossas mercês me vieram curar a mim, ou às raparigas? Ai, minhas barrigas!

**SEMICÚPIO**  
Calado estive ouvindo a estes senhores da Escola Moderna, encarecendo a Manjerona e Alecrim. Não há dúvida que *pro utraque parte* há mui nervosos argumentos, em que os Doutores Alecrinistas e Manjeronistas se fundam; e tratando Dioscórides do Manjeronismo e Alecrinismo, assenta de pedra e cal, que para o mal Cupidista são remédios inanes; porque tratando Ovídio do remédio *amoris*, não achou outro mais genuíno contra o mal Cupidista que o Malmequer,

por virtude simpática, magnética, diaforética, e diurética, com a qual *curatur amorem*.

**SEVADILHA**  
Viva, e reviva o senhor Doutor, e já que é tão bom Médico, peço-lhe me cure de umas dores tão grandes que parecem feitiços.

**SEMICÚPIO**  
Dá cá as pulseiras. Ah, perra, que agora te agarrei! Tu estás marasmódica, e empiemática. Ah, senhor, logo, logo, antes que se perpetue uma febre padre, é necessário que esta rapariga tome uns semicúpios.

**SEVADILHA**  
Semicúpios eu? É coisa que abomino.

**SEMICÚPIO**  
Eu desencarrego a minha consciência, e não sou mais obrigado.

**DOM LANCEROTE**  
Ela não tem querer, há de fazer o que vossa mercê mandar.

**FAGUNDES**  
Eu também sou de carne, tenho anos, e tenho achaques.

**SEMICÚPIO**  
Pois cure-se primeiro dos anos, logo se curará dos achaques.

**FAGUNDES**  
Não, senhor, que este achaque não é anual, é diário.

**DOM LANCEROTE**  
Isto aqui é um hospital,

graças a Deus; só eu nesta casa sou são como um pero, apesar de duas fontes e uma funda.

### SEMICÚPIO

Ó ditoso homem, que vive sem males!

### DOM TIBÚRCIO

Senhores, o meu mal devia ser contagioso; porque depois da minha doença todos adoeceram. Ai, minha barriga.

### DOM LANCEROTE

Pois em que ficamos?

### SEMICÚPIO

Senhor meu, falando em termos, o doente sangue-se no pé; vossa mercê, na bolsa; às senhoras suas sobrinhas, três banhos; à moça, semicúpios, e à velha lancem-na às ondas, que está danada.

### FAGUNDES

Ai, que galante coisa!

### DONA CLÓRIS

Eu não quero mais remédio, que os fumos do Alecrim.

### DONA NIZE

E eu os da Manjerona.

### SEMICÚPIO

Não seja essa a dúvida, ainda que não sou desse voto, contudo cada um é senhor da sua vida e se pode curar como quiser; lá vai a receita. (Canta Semicúpio a seguinte Ária)

*Si in medicinis  
Te visitamus,  
Non asniamus,  
Sed de Alecrinis,*

*Et Manjeronis  
Recipe quantum  
Satis aná.*

*Credite mihi,  
Qui sum peritus,  
Non mediquitus  
De cacaracá.*

## CENA VI

*Jardim em que haverá  
alguns alegretes, e uma  
capoeira; e vem Dom  
Gilvaz, e Semicúpio  
descendo por uma corda.*

### DOM GILVAZ

Semicúpio, deixa-me descer eu primeiro, para que se não quebre a corda com o peso de ambos. (desce)

### SEMICÚPIO

Agarre-se bem à corda, e deixe-se escorregar.

### DOM GILVAZ

Ora, já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com Dona Clóris. (Vai-se)

(Entra Dom Lancerote)

### DOM LANCEROTE

Este quintal é o meu divertimento, e encanto; um homem aqui assentado e tomando o fresco, não há maior regalo.

### SEMICÚPIO

Agora já poderei descer afoitamente.

### DOM LANCEROTE

Que é isto, que cai sobre mim? Quem me acode?

(Ao descer Semicúpio cai sobre Dom Lancerote)

### SEMICÚPIO (à parte)

Não é nada, escarranchei-me no velho cuidando que era poial; estou bem aviado!

### DOM LANCEROTE

Mas que vejo? Aque-d-el-rei, ladrões!

### SEMICÚPIO

Não o disse eu?

### DOM LANCEROTE

Ladrão, velhaco, tu descendo por uma corda os altos muros de meu quintal? Pois com essa mesma corda te atarei de pés e mãos, até que amanheça, para entregar-te à justiça.

### SEMICÚPIO

É bem feito, já que eu mesmo dei a corda para me enforcar.

### DOM LANCEROTE

Dá cá os braços.

### SEMICÚPIO

Já está meu amigo? Quer-me abraçar?

### DOM LANCEROTE

Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

### SEMICÚPIO

Não tenho febre.

### DOM LANCEROTE

Anda, que atado hás de ficar.

### SEMICÚPIO

Senhor, por sua vida, que me não ate; basta o enleio em que me vejo.

### DOM LANCEROTE

Dize, a que vieste a este quintal?

### SEMICÚPIO

Ora, senhor, ate-me muito embora, mas não me aperte por isso.

### DOM LANCEROTE

Por isso é que eu te aperto; hás de confessar a que vieste.

### SEMICÚPIO (à parte)

Eu estou atado, não sei o que lhe responda.

### DOM LANCEROTE

Qual foi o fim que aqui te trouxe?

### SEMICÚPIO

A dar fim à minha vida, por dar princípio à minha morte por meios desta corda, que falsa me entregou nas mãos de vossa mercê.

### DOM LANCEROTE

Vieste roubar-me, não é verdade?

### SEMICÚPIO

Sim, senhor, mas foi a roubar-lhe as atenções.

### DOM LANCEROTE

Anda, ladrãozinho, para a capoeira donde ficarás atado.

### SEMICÚPIO

Para onde, senhor?

### DOM LANCEROTE

Para a capoeira até que venha o Sol a ser testemunha do teu latrocínio.

### SEMICÚPIO

Pois vossa mercê quer encapoeirar-me? Graças a Deus que não sou cá nenhuma galinha, mas sabe por que fala? Porque me acha atado, quando não, havíamos jogar as cristas.

### DOM LANCEROTE

Anda, ladrão, que aqui ficarás até amanhecer. (Vai-se)

### SEMICÚPIO

Ora, criado senhor Semicúpio: já sabemos que isto é meio caminho andado para a força; mas é bem feito, que isto a mim me suceda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que ele fosse galo, me vejo eu feito galinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glórias, e eu entre penas; ele voando na esfera de amor, e eu de asa caída na gema dos ovos.

(Entra Fagundes)

### FAGUNDES

Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a salada de rabos para cearmos; já temperei as gaitas para o galego; já assei o fricassé; já cozi um guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou uma tonta, esquecia-me o melhor, que é matar uma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

### SEMICÚPIO

Eu o estava dizendo; grande desgraça é ser um homem galinha, pois até de uma mulher tem medo.

### FAGUNDES

Mas confesso que não sou para ver sangue, que logo desmaio; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

### SEMICÚPIO

Oh, mulher! Deus te tire isso do pensamento.

### FAGUNDES

Qual! Eu sou muito melindrosa e fusilânima; não tenho valor para matar uma formiga. Ora lá vai a Deus, e à ventura.

### SEMICÚPIO

Sem falência eu morro de morte galinhal: não há mais remédio que falar à velha; mas se lhe falo é capaz de acordar o cão do velho, que está dormindo, e encerra-me em parte mais apertada: não sei o que faça; pois tal estou, que se a velha me mata, não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

### FAGUNDES

Para que é cansar, eu são sou sanguinolenta.

(Entra Sevadilha)

### SEVADILHA

Fagundes, o senhor está desesperado por você; que faz aí?

### FAGUNDES

Já que vieste, matará uma galinha, que eu não me atrevo. (Vai-se)

### SEMICÚPIO

Lá vem a Sevadilha: ora o certo é que donde a galinha tem os ovos aí se lhe vão os olhos.

### SEVADILHA

Aborrece-me gente melindrosa; vejam agora, que dó pode haver de matar um animal? Verão como eu faço isto brincando.

**SEMICÚPIO**

Não são bons brincos esses, Sevadilha; mas se tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

**SEVADILHA**

Ai, que estamos em tempo que falam os animais! Este pela voz é Semicúpio.

**SEMICÚPIO**

Eu sou que te falo de papo; é o teu Semicúpio que está feito semigalo.

**SEVADILHA**

Quem te meteu aí?

**SEMICÚPIO**

O velho, por eu ser metediço.

**SEVADILHA**

Pois como foi?

**SEMICÚPIO**

Já me não lembro, que eu tenho memória de galo.

**SEVADILHA**

Anda cá para fora.

**SEMICÚPIO**

Não posso, sem tu me enxotares daqui.

**SEVADILHA**

Como não podes, se eu sei que muito pode o galo no seu poleiro?

**SEMICÚPIO**

Isso seria se o velho me não desasara.

**SEVADILHA**

Não sabes o bem, que me parecez nessa capoeira! Estás guapo! Estás França!

**SEMICÚPIO**

Sim, estou França, porque estou feito galo.

**SEVADILHA**

Pois dá-me das tuas penas para um regalo.

**SEMICÚPIO**

Pois tu te regalas com as minhas penas?

**SEVADILHA**

Não, mas folgo de ver-te feito alma em pena.

**SEMICÚPIO**

Que fará, se souberas, que estou todo coberto de penas vivas? Ora, anda Sevadilha, tira-me de mais penas. Deita-me pela porta fora, ainda que seja aos coices.

(Entram Dona Nize e Dona Clóris, cada uma pela sua parte com aguadores na mão, regando, e cantando o seguinte)

**DONA NIZE**

Sois no céu de Flora, Manjerona bela, Não só verde estrela, Mas luzida flor.

**DONA CLÓRIS**

Alecrim florido, Que de Abril na esfera Sois na primavera Fragrante primor.

**AMBAS**

Esta pura neve, Que tributa Flora, São risos da Aurora, E lágrimas de amor.

(Recitado)

**DONA NIZE**

Mas que vejo? (Ai de mim!) quem arrogante, Da Manjerona usurpa o ser fragrante?

**DOM GILVAZ**

Quem, ó Nize, escondido

amante espera O Sol que adoro nesta verde esfera? (Sai)

**DOM FUAS**

Pois, traidor, como assim tirano intentas, Roubar-me a Nize, que meu peito adora? (Sai) E tu, falsa inimiga. Mas ai triste, Que mal a tanta pena a dor resiste!

**DONA CLÓRIS**

E tu, falso Dom Gilvaz, que em torpe insulto Buscas a Manjerona amante oculto, Deixa-me, fermentido...

**DOM GILVAZ**

Atende, ó Clóris, Que sem causa fulminas teus rigores, Quando em puros ardores Nas chamas do Alecrim feliz me abraso.

**DONA NIZE**

Sem motivo, Dom Fuas, me criminas; porque eu firme...

**DOM GILVAZ**

E eu constante...

**DOM GILVAZ e DONA NIZE**

Fiel te adoro, e te busco amante.

(Ária a 4)

**DOM GILVAZ**

Atende, ó Clóris, atende Verdades de quem sabe Ser firme em te adorar.

**DONA CLÓRIS**

Suspende, infiel, suspende Injúrias de quem sabe Jamais te acreditar.

**DOM FUAS**

Nize ingrata, infiel amigo, Cesse a bárbara

indecência, Que a evidência Não se pode equivocar.

**DOM GILVAZ e DONA NIZE**

Pois tu só querida prenda.

**DOM FUAS e DONA CLÓRIS**

Já não creio os teus enganos.

**DOM GILVAZ e DONA NIZE**

Nas purezas de meu peito Felizmente viverás.

**DOM FUAS e DONA CLÓRIS**

Nos rigores de meu peito Teu castigo encontrarás.

**TODOS**

Mas, ó cego amor tirano, Como posso em tanto dano Teu estrago idolatrar?

(Entra Fagundes)

**FAGUNDES**

Já acabaram de cantar? Pois agora entrem a chorar.

(Entram Dom Lancerote com uma luz na mão, e Semicúpio vestido de Ministro com vara na mão)

**SEMICÚPIO**

Não se assustem, minhas senhoras, que isto não é mais que uma diligência.

**DOM LANCEROTE**

Vossa mercê poupou-me o trabalho de o ir procurar de manhã para lhe entregar um ladrão que tenho preso naquela capoeira.

**SEMICÚPIO**

A isso mesmo venho, que já tive quem disso me avisasse.

**DONA NIZE (à parte)**

Que será isto?

**DONA CLÓRIS (à parte)**

São infortúnios meus.

**FAGUNDES (à parte)**

Demos com o pé na peia.

**SEVADILHA (à parte)**

Folgo por amor de Dom Tibúrcio.

**SEMICÚPIO**

Hoje todos hão de mamar o chasco, que a ninguém me hei de dar a conhecer. Ora, meu senhor, como foi este caso?

**DOM LANCEROTE**

Suponha vossa mercê que acabou uma junta de Médicos, que vieram assistir a meu sobrinho, sendo já quase noite, estando eu assentado junto daquela Manjerona, que não me deixará mentir, veio descendo um homem por uma corda, e cuidando que eu era poial, me pôs o pé no cachaço.

**SEMICÚPIO**

Isso foi o mesmo que pôr-lhe o pé no pescoço: não há maior desaforo.

**DOM LANCEROTE**

Assustei-me, não há dúvida, quando me vi daquela sorte oprimido; mas, tornando a mim, fui sobre ele e conhecendo que era ladrão, o prendi nessa capoeira donde a perspicaz diligência de vossa mercê saberá melhor obrar do que eu falar.

**SEMICÚPIO**

E como conheceu vossa mercê que era ladrão?

**DOM LANCEROTE**

Pela cara, que era a mais horrenda que meus olhos viram.

**SEMICÚPIO (à parte)**

Estou já desenganado, que sou feio.

**DOM LANCEROTE**

Ande vossa mercê, e verá.

**SEMICÚPIO**

Ah, sô ladrão, saia cá para fora.

**DOM FUAS**

Vossa mercê vem enganado, porque eu (entra) há maior desgraça! Sou um homem bem-nascido.

**SEMICÚPIO (à parte)**

É Dom Fuas, quem me dera ver a D. Gil, que é o que cá me traz.

**DOM LANCEROTE**

Senhor, este não é o ladrão que eu encerrei.

**SEMICÚPIO (à parte)**

Já se vê que este não é tão feio como vossa mercê diz; vejamos se está lá mais algum? Oh, cá está mais outro; *venite ad cam para fóram!* Ai, que é D. Gil! Já estou descansado.

**DOM LANCEROTE**

Também não é este o ladrão, que eu aqui encerei.

**DOM GILVAZ**

Claro está que não sou eu, pois eu graças a Deus não necessito de furtar.

**DOM LANCEROTE**

E que faziam vossas mercês aqui, se não eram ladrões?

**SEMICÚPIO**

Essa inquirição me pertence a mim que sou juiz privativo desta causa; e vossa mercê, meu amo,

não se costume a mentir aos Ministros de vara grossa, dizendo-me que o ladrão era feio e horrendo, quando vemos que estes senhores são mui bem estreados.

#### **DOM LANCEROTE**

Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feio homem que vi em meus dias.

#### **SEMICÚPIO**

Cale-se, não minta, que o hei de mandar carregar de ferros.

#### **DOM LANCEROTE**

Ora, senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que assim como achou dois, que eu não meti, talvez que ache o que eu encerrei.

#### **SEMICÚPIO**

Já não tenho mais que buscar.

#### **DOM LANCEROTE**

Faça-me esse gosto que pode lá estar ainda mais algum.

#### **SEVADILHA**

Isso, que se perde? Veja, senhor Doutor.

#### **SEMICÚPIO**

Bem sei, que vou de balde, mas eu vou: mas não entre vossa mercê, que me não quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

#### **DOM LANCEROTE**

Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ai, que ele aqui está! Não o disse eu?

#### **SEMICÚPIO**

Traga-o cá para fora.

#### **DOM LANCEROTE**

Ei-lo aqui. Mas que vejo! Não sois vós, meu Sobrinho.

#### **DOM TIBÚRCIO**

Eu sou por meus pecados.

#### **DOM LANCEROTE**

Eu estou besta em besta.

#### **SEMICÚPIO**

Este sim, que é o ladrão, que tem horrendíssima cara; todos três venham comigo.

#### **DONA NIZE (à parte)**

Ai, Dom Fuas, que estou sem alma!

#### **DONA CLÓRIS (à parte)**

Ai, Dom Gil, que estou sem vida!

#### **DOM LANCEROTE**

Senhor, advirta, que este é meu sobrinho.

#### **SEMICÚPIO**

Por ser seu sobrinho, não pode ser ladrão?

#### **DOM LANCEROTE**

Senhor, ele mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

#### **SEMICÚPIO**

Pois acaso ele dorme na capoeira?

#### **DOM LANCEROTE**

Não senhor.

#### **SEMICÚPIO**

Se não dorme, que fazia nela feito *socius criminis* destes dois machacazes?

#### **DOM LANCEROTE**

Sobrinho, a que vieste à capoeira?

#### **DOM TIBÚRCIO**

Eu, senhor, estando...

#### **SEMICÚPIO**

Chitom, não me usurpe a jurisdição; já disse que estas averiguações só a mim me pertencem: vamos andando *ad cagarronem*.

#### **DOM LANCEROTE**

Não importa: ide sobrinho, que Deus é grande.

#### **DOM TIBÚRCIO**

A minha inocência me livrará.

#### **DOM LANCEROTE**

Como é a sua graça, meu senhor?

#### **SEMICÚPIO**

O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fora daqui com alçada na vara até o ar.

#### **DOM LANCEROTE**

Pois, senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa mercê de caminho, que também me furtaram um capote de Saragoça em muito bom uso.

#### **SEMICÚPIO**

Capote de Saragoça é caso de devassa: notificados vossas mercês todos para que em amanhecendo venham jurar à minha casa sobre este furto.

#### **DOM LANCEROTE**

E aonde mora vossa mercê?

#### **SEMICÚPIO**

Junto a um Dom Gilvaz, que mora...

#### **DOM LANCEROTE**

Já sei, eu perguntarei.

#### **SEMICÚPIO**

Pois lá estará quem lhe responda.

#### **DOM GILVAZ (à parte)**

Ai, que é Semicúpio! Agora reparo, já estou sem susto.

#### **SEMICÚPIO**

Vamos: amanhã todos à minha casa, sob pena de prisão. (Vai-se)

#### **DOM FUAS (à parte)**

Ai, Nize, que as tuas falsidades me puseram neste estado! (Vai-se)

#### **DOM TIBÚRCIO**

Tio, trate logo de soltar-me. (Vai-se)

#### **DOM GILVAZ**

Quem não deve, não teme. (Vai-se)

#### **DOM LANCEROTE**

Que mal sossegarei esta noite, indo preso meu sobrinho, e não apareceu o ladrão que eu preendi: Não há homem mais desgraçado! (Vai-se)

#### **DONA NIZE**

Tal estou de sentimento que até me faltam as lágrimas para o alívio. (Vai-se)

#### **FAGUNDES**

Eis aqui os Alecrins e Manjeronas: coisas de ervas é pra bestas. (Vai-se)

#### **SEVADILHA**

E de que escapou Semicúpio! Também alguma boa alma rezou por ele. (Vai-se)

#### **DONA CLÓRIS**

Ai, D. Gil, que a tua desgraça será a causa de minha morte! (Vai-se)

## **CENA VII**

*Sala, em que haverá um bufete, tinteiro, papel, pena e cadeiras; e entram Dom Gilvaz, e Semicúpio vestido ainda de Juiz.*

#### **DOM GILVAZ**

Não te perdoo o susto, que me fizeste levar.

#### **SEMICÚPIO**

Nem eu o chasco da capoeira, que me fez sofrer.

#### **DOM GILVAZ**

E agora, que determinas com essa devassa, que queres tirar?

#### **SEMICÚPIO**

Logo verá.

#### **DOM GILVAZ**

E porque não soltas a Dom Fuas, e a Dom Tibúrcio, que estão fechados naquele quarto escuro?

#### **SEMICÚPIO**

Não poderei também ter meus segredos, sem que ninguém o saiba? O certo é, que como os trouxemos às escuras, entendem fixamente, que estão em rigorosa prisão. Mas aí vem gente, e vossa mercê faça vezes de Escrivão.

#### **DOM GILVAZ**

Aí parou uma sege: se serão elas?

#### **SEMICÚPIO**

Lá está quem as há de encaminhar; *sedete*, que aí vem subindo a primeira testemunha. (Entra Dom Lancerote)

#### **DOM LANCEROTE**

Senhor, aqui estamos todos à ordem de vossa mercê.

#### **SEMICÚPIO**

Venham entrando um a um.

#### **DOM LANCEROTE**

Pois, senhor, lembre-se do meu capote.

#### **SEMICÚPIO**

Eu já tenho tomado isso a mim; vá descansado que eu puxarei bem pela justiça e farei quanto ela der de si.

#### **DOM LANCEROTE**

Não tenho mais que dizer. (Vai-se)

#### **DOM GILVAZ**

Homem, tu me tens atónito com as tuas indústrias!

#### **SEMICÚPIO**

Bem é que as reconheças; ah, senhor, esteja de meio perfil, para que o não conheça Dona Nize, que lá vem.

(Entra Dona Nize)

#### **DONA NIZE**

Venho morta: nunca em tal me vi!

#### **SEMICÚPIO**

Uma vez é a primeira: sente-se minha senhora, desabafe-se, suponha que está em sua casa.

#### **DONA NIZE**

Ai, senhor, não sei que respeito infunde a cara de um Juiz, que faz titubear o mais valente coração!

#### **SEMICÚPIO**

E mais eu, que pareço um Papiniano assanhado! Diga o seu nome: vá lá escrevendo, senhor Escrivão.

**DONA NIZE**  
Chamo-me Dona Nize Silvia Rufina Fábila Laura Anarda, e...

**SEMICÚPIO**  
Basta, senhora, e pode vossa mercê com todos esses nomes?

**DONA NIZE**  
Ainda faltam catorze.

**SEMICÚPIO**  
Visto isso, é vossa mercê a mulher mais nomeada que há no mundo. Que idade tem?

**DONA NIZE**  
Quinze anos escassos.

**SEMICÚPIO**  
Liberal andou a natureza: em tão poucos anos tanta perfeição! E do costume?

**DONA NIZE**  
Não entendo.

**SEMICÚPIO**  
Ponha lá, que do costume jejua. Sabe quem furtou aquele capote ao senhor seu tio?

**DONA NIZE**  
Presumo, que foi um criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim.

**SEMICÚPIO**  
Tenho largas notícias desse criado, e me dizem que é arditoso *quantum satis*.

**DONA NIZE**  
Isso é pasmar!

**SEMICÚPIO**  
E sabe, se aqueles homens da capoeira seriam ladrões?

**DONA NIZE**  
Não, senhor, porque um era D. Gil, e outro Dom Fuas, que ambos...

**SEMICÚPIO**  
Diga, não se faça rubicunda.

**DONA NIZE**  
Senhor, os ditos homens vieram por causa do amor; e como veio meu tio, se esconderam na capoeira.

**SEMICÚPIO**  
Rapaziadas. Ora, ande, vá-se aí para dentro e não faça outra: seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito, *honestè vivere*.

**DONA NIZE**  
À obediência de vossa mercê. (Vai-se)

**DOM GILVAZ**  
Homem, acabemos com isso, venha Dona Clóris, por quem estou suspirando.

(Entra Fagundes)

**FAGUNDES**  
Muito bons dias, meu senhor.

**SEMICÚPIO**  
Chegue-se para cá; olhe para mim, vossa mercê a meu ver tem cara de testemunha falsa, ou eu me enganarei.

**FAGUNDES**  
Serei o que vossa mercê quiser.

**SEMICÚPIO**  
Como se chama.

**FAGUNDES**  
Ambrósia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

**SEMICÚPIO**  
Isso são nomes, ou alcunhas?

**FAGUNDES**  
Será o que vossa mercê for servido.

**SEMICÚPIO**  
Casada ou solteira?

**FAGUNDES**  
Nem casada, nem solteira, assim, assim.

**SEMICÚPIO**  
Assim como?

**FAGUNDES**  
É que tenho o marido no Brasil há quarenta e sete anos.

**SEMICÚPIO**  
De que anos casou?

**FAGUNDES**  
De quarenta justos, que os fui fazer à porta da Igreja.

**SEMICÚPIO**  
Que anos tem?

**FAGUNDES**  
Vinte e cinco bem puxados.

**SEMICÚPIO**  
Não é nada, casou de quarenta, tem o marido no Brasil há quarenta e sete anos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se daí bêbada, falsária, que a hei de amarrar a uma escada, e deitá-la por essa janela fora.  
**FAGUNDES**  
Eu não sei contar, senão pelos dedos: ouça vossa mercê que eu quero dar a minha quartada.

**SEMICÚPIO**  
A quartada dei eu; ande, não cuide, que se há de

lavar com uma bochecha d'água; vá-se para dentro.

**FAGUNDES**  
Eu vou rebolando. (Vai-se)

(Entra Sevadilha)

**SEVADILHA**  
Sou criada de vossa mercê.

**SEMICÚPIO**  
Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a vara que estou varado. Menina, como é o seu nome?

**SEVADILHA**  
Sevadilha, sem mais nada.

**SEMICÚPIO**  
Que anos tem?

**SEVADILHA**  
Sete mui fanados.

**SEMICÚPIO**  
Só sete? Não sois má cartinha para um sete levar. Casada ou solteira?

**SEVADILHA**  
Estou para casar com um criado daqui do seu vizinho, D. Gil, que ainda que feio é mui carinhoso.

**SEMICÚPIO**  
Esse foi o que furtou o capote a seu amo?

**SEVADILHA**  
Esse mesmo.  
**SEMICÚPIO**  
Logo é ladrão?

**SEVADILHA**  
É o vício, que tem, que se não fora isso, era um moço perfeito.

**SEMICÚPIO**  
Ai, Sevadilha, que esse ladrão...

**SEVADILHA**  
Que tem, meu senhor?

**SEMICÚPIO**  
Nada, nada: e por um triz, que não deponho a Judicatura, e perco o juízo: assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

**SEVADILHA**  
Eu não sei escrever.

**SEMICÚPIO**  
Porém, sabes muita letra: vai-te aí para dentro. A rapariga me pôs a ver jurar testemunhas.

**SEVADILHA**  
Eu já vi uma cara, que se parecia com a deste Juiz. (Vai-se)

**SEMICÚPIO**  
Entre quem falta.

**DOM GILVAZ**  
Resta Dona Clóris; Semicúpio, perdoa que hei de falar-lhe.

**SEMICÚPIO**  
Faça o que lhe digo, e não tenha graças comigo.

**DOM GILVAZ**  
Como estás inchado!

**SEMICÚPIO**  
Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão. (Entra Dona Clóris)

**DONA CLÓRIS**  
Senhor Juiz, logo declaro, que eu de furtos não sei nada, e só que D. Gil foi um dos da capoeira, e está inocente, porque...

**DOM GILVAZ**  
Porque foi preciso obedecer-te, querida Clóris. (levanta-se)

**DONA CLÓRIS**  
Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coração.

**DOM GILVAZ**  
Não te admires dos sucessos de meu amor que os influxos do teu Alecrim sabem triunfar dos maiores impossíveis.

**SEMICÚPIO**  
Aliás, que um Semicúpio sabe fazer possíveis as maiores dificuldades. Aí tem, senhor D. Gilvaz, o seu bem de portas a dentro: tenho cumprido a minha palavra, e se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

**DONA CLÓRIS**  
Uma vez, que me vejo em tua casa, não porei mais em contingências a minha fortuna.

**SEMICÚPIO**  
Isso mesmo; quem disse casa, casa.

(Entra Dom Lancerote)

**DOM LANCEROTE**  
Que é isto, senhor Doutor? As testemunhas vêm, e não tornam?

**SEMICÚPIO**  
Já está concluída e sentenciada a devassa.

**DOM LANCEROTE**  
Quem são os culpados?

**SEMICÚPIO**

As senhoras suas sobrinhas, que são umas finas ladras.

**DOM LANCEROTE**

Minhas sobrinhas ladras? De que sorte?

**SEMICÚPIO**

Desta sorte; vamos saindo cá para fora.

(Vai Semicúpio trazendo a todos para fora, e diz o seguinte)

Porque vistos estes sucessos, consta, que a senhora Dona Nize furtou o coração de senhor Dom Fuas, e a senhora Dona Clóris o de D. Gil; e assim é de razão, que lhe restituam, casando com eles; porque no matrimônio se entregam os corações com as vontades.

**DOM FUAS**

Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado desta rara inventiva de Semicúpio.

**DONA NIZE**

É de justiça esta ação: que alegria!

**DOM GILVAZ**

Dona Clóris, dá-me o coração, que me tens, na mão que te peço.

**SEMICÚPIO**

Isso é falar com o coração nas mãos. Senhora Dona Clóris, case-se, mas não se arrependa.

**DONA CLÓRIS**

Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego, em recompensa do que lhe roubei, se acaso é furto, o que se dá por vontade.

**SEMICÚPIO**

Dom Tibúrcio, tenha paciência e pague as custas de permissão com o senhor Dom Lancerote, já que foram tão basbaques, que se deixaram enganar de mim. Semicúpio, tantos de tal mês, etc.

**DOM TIBÚRCIO**

Senhor tio, seja-lhe para bem, que aqui já não há para onde apelar.

**DOM LANCEROTE**

Nem eu me posso agravar, quando o matrimônio é o ditoso fim destes excessos.

**SEVADILHA**

Quem casa a tantos, por que se não casa a si?

**SEMICÚPIO**

Não me fales em remoques; já sei, Sevadilha, que queres casar comigo; e pois a sentença passou em coisa julgada, demos as mãos, e a boa vontade.

**SEVADILHA**

Oh, discreta mão, que escreveu tal sentença!

**FAGUNDES**

E que há de ser de mim, Semicúpio, que neste negócio também dei minha penada?

**SEVADILHA**

Em vindo a frota, virá teu marido.

**DOM GILVAZ**

E pois te consegui, galharda Clóris, publique a fama os vivos do Alecrim, que triunfou de tantos impossíveis.

**DOM FUAS**

Tende mão, que não é justo,

que roubeis à Manjerona a parte, que lhe toca no aplauso, que merece; pois à sombra de suas folhas conseguistes muita parte da dita, que possuis.

**FAGUNDES**

Isso é verdade; senão diga-o a escada, e a caixa.

**DOM TIBÚRCIO**

Foi boa caixa.

**DOM GILVAZ**

Que importa, que a Manjerona abra os caminhos aos favores, se o Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleios?

**SEMICÚPIO**

E senão diga-o também o fogo salvage, a Medicina, a Ministrice, e a mãe de duas filhas.

**DOM TIBÚRCIO**

Pois que vai, senhor tio? É bico, ou cabeça?

**DOM LANCEROTE**

Paciência por força.

**DONA CLÓRIS**

Não se pode negar, que venceu o meu Alecrim, pois ele tocou a meta, pondo fim a nossos desejos.

**DONA NIZE**

A Manjerona só merece aplausos, porque deu princípio a este fim.

**SEMICÚPIO**

Então, visto isso, venceu o Malmequer, pois ele foi o meio entre o princípio da Manjerona, e o fim do Alecrim.

**SEVADILHA**

Pois viva o Malmequer.

**DOM GILVAZ**

Tenho dito, venceu o Alecrim.

**DOM FUAS**

Se a eficácia das razões não basta a convencer-vos, esta espada fará confessar o triunfo da Manjerona.

**SEMICÚPIO**

Deixe estar a folha, que as da Manjerona não são o Alcorão de Mafoma, para que se defendam à ponta de espada; e pois estou feito Juiz, pela autoridade, que tenho, declaro, que ambas as plantas venceram o pleito, pois cada uma fez quando pôde; e para que se acabem essas guerras do Alecrim, e Manjerona, mando, que os dois ranchos façam as pazes, e se ponha perpétuo silêncio nesta matéria, sob pena de serem assuntos de minuetes, e andarem por boca de Poetas, que é pior que pelas bocas do mundo.

**TODOS**

Pois viva o Alecrim, e viva a Manjerona.

**SEMICÚPIO**

E viva todo o bicho vivo.

**DOM LANCEROTE**

Vivamos todos, meu Sobrinho.

**DOM TIBÚRCIO**

Essa é a verdade.

**SEMICÚPIO**

E como não há triunfo sem aclamação; enquanto o Coro não principia a festejar este aplauso, coroemos esta obra, com as ramas de Manjerona, e Alecrim.

(Coro)

**DONA NIZE e DOM FUAS**

*Viva a Manjerona  
Perpétua no durar.*

**DONA CLÓRIS e DOM GILVAZ**

*Viva o Alecrim  
Feliz no florescer.*

**TODOS**

*Viva a Manjerona  
Viva o Alecrim  
Pois que um soube vencer,  
E a outra triunfar.*

**DONA NIZE e DOM FUAS**

*No tempo do Cupido  
Troféu de amor será.*

**DONA CLÓRIS e DOM GILVAZ**

*Nas aras da fineza  
Em chamas arderá.*

**TODOS**

*Viva a Manjerona  
Viva o Alecrim  
Pois que um soube vencer*

## Os Músicos do Tejo

Fundado em 2005 e dirigido por Marcos Magalhães e Marta Araújo, o agrupamento Os Músicos do Tejo tem desenvolvido um percurso assinalável no panorama europeu da música antiga. O seu trabalho tem sido orientado por dois eixos complementares: dar a conhecer obras do património musical português inéditas ou pouco acessíveis, e desenvolver projetos inovadores e transdisciplinares, com artistas atuais, com vista a refletir criativamente sobre a música e o seu papel na sociedade de hoje.

No seu já extenso percurso, produziram cinco óperas em parceria com o CCB (*La Spinalba*, *Il Trionfo d' Amore*, *Lo Frate 'Nnamorato*, *Le Carnaval et la Folie* e *Paride ed Elena*), apresentaram-se em inúmeros concertos em Portugal e no estrangeiro e gravaram seis CD: *Sementes do Fado* (2008), *As Árias de Luísa Todi* (2010), *La Spinalba* (2011), *Il Trionfo d'Amore* (2015), *From Baroque to Fado* (2017) e *Il Mondo della Luna* (2020).

Desde 2011, têm gravado exclusivamente para a editora Naxos, que assegura uma distribuição mundial. Todos os CD tiveram excelentes críticas no âmbito nacional e internacional. *Il Trionfo d'Amore* foi nomeado na Bestenliste do prestigiado Preis der Deutschen Schallplattenkritik. Com *Il Mondo della Luna* foram nomeados para o melhor álbum clássico nos Play – Prémios da Música Portuguesa 2021.

Também na Fundação Calouste Gulbenkian, Os Músicos do Tejo têm apresentado vários concertos, dos quais se destacam *Dido e Eneias* de Purcell, *As Filhas do Fogo* (em colaboração com o realizador Pedro Costa) e *Do Barroco ao Fado*, com Ana Quintans e Ricardo Ribeiro. Estes dois últimos programas têm tido várias apresentações noutros locais, dos quais se destaca a apresentação de ambos em Madrid: na Cineteca de Madrid e no Auditorio Nacional de Musica.

Em Portugal, participaram em diversos eventos, tais como o Festival Internacional de Música de Póvoa de Varzim, CisterMúsica em Alcobaça, Natal em Lisboa/EGEAC, Festival das Artes de Coimbra, Música nos Claustros/Eborae Musica, Ciclo Ciência na Música – Tejo no Thalia, entre outros. Em 2017, Os Músicos do Tejo obtiveram grande sucesso no Festival de Herne (Alemanha), num concerto com a participação de Joana Seara e João Fernandes que teve transmissão direta na rádio clássica alemã WDR3. No âmbito do reavivar do património musical português, apresentaram, em 2018, a ópera *ao gosto português Guerras do Alecrim e Manjerona* (Cistermúsica e Artemrede) e a oratória *La Giuditta* de F. A. Almeida na TMSR. São de destacar, também, programas de concerto fora dos modelos convencionais que cruzam a música com o teatro, história e literatura como sejam *Veneza e os Limites da Moralidade* com a atriz Luísa Cruz (Dias da Música em Belém, Évora e Teatro Nacional São João, no Porto) e *To Play or Not to Play* (Teatro Thalia, Castelo Branco, Dias da Música

em Belém), um programa em torno de Shakespeare, com João Fernandes como cantor e ator, registado em DVD.

Projetos recentes, de assinalar, são a apresentação nos Festival de Almagro em Espanha, Festival de Marvão, Festival das Artes de Coimbra e *As Filhas do Fogo* no Festival Porto/Post/Doc.

Os Músicos do Tejo têm o apoio da DGArtes, da Câmara Municipal de Lisboa e da Biblioteca Nacional de Portugal.

## Marcos Magalhães

cravista e maestro  
Nasceu em Lisboa, licenciado em cravo pela Escola Superior de Música de Lisboa e Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris e doutorado em Ciências Musicais pela Universidade NOVA de Lisboa.

É atualmente professor no Liceu Francês Charles Lepierre.

Tem feito inúmeros concertos a solo e em grupo, em Portugal e no estrangeiro.

Colaborou e dirigiu em várias ocasiões a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Fundou, em conjunto com Marta Araújo, Os Músicos do Tejo, grupo dedicado à música antiga e com o qual dirigiu as óperas *La Spinalba* de F. A. de Almeida, *Lo Frate Nnamorato* de G. B. Pergolesi, *Le Carnaval et la Folie* de A. C. Destouches, a serenata de F. A. de Almeida *Il Trionfo d'Amore* e *Dido e Eneias* de H. Purcell. Com o mesmo grupo, gravou já seis discos. Dois em edição de autor – *Sementes do Fado* (com Ana Quintans e Ricardo Rocha), *As Árias de Luísa Todi* (com Joana Seara) e três na editora Naxos – *La Spinalba* e *Il Trionfo d'Amore*, ambas obras de F. A. de Almeida, *From Baroque to Fado* (com Ana Quintans e Ricardo Ribeiro) e *Il Mondo della Luna* de Avondano.

## Marta Araújo

cravista  
Nasceu em Lisboa. Iniciou os estudos de Piano com Gabriela Canavilhas na Academia de Amadores de Música e posteriormente prosseguiu os estudos com Ana Sousa Lima no Conservatório Nacional de Música de Lisboa, onde terminou o curso de Piano com elevada classificação.

Diplomou-se em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Estudou cravo com Siebe Henstra na Utrecht School of Arts no âmbito do programa Erasmus e frequentou diversas *masterclasses* com os cravistas de renome, Jacques Ogg e Ketil Haugsand.

Obteve a licenciatura em Cravo, área de Música Antiga, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo com Ana Mafalda Castro.

Terminou o Mestrado em Programação e Gestão Cultural na Universidade

Lusófona de Humanidades e Tecnologias sob a orientação de Teresa Flores e coorientação de Miguel Honrado.

Tocou em diversas orquestras, tais como a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direção de J. M. Burfin, Ricardo Minasi, Cesário Costa, Bruno Borralhinho.

Lecionou na Academia de Música Eborense, na Escola Profissional de Évora, no Conservatório Regional de Setúbal e na Escola de Música do Orfeão de Leiria as disciplinas de cravo, piano, música de conjunto, práticas de teclado. Leciona piano, cravo e classe de conjunto, no Conservatório de Música da Metropolitana, e nessa escola foi responsável pela criação da classe de cravo. Recentemente foi nomeada pela direção pedagógica para o cargo de coordenadora das teclas do respetivo conservatório.

Participou, no âmbito da pedagogia musical, em *workshops* com os professores Jos Wuytack e Edwin Gordon.

Participou nos cursos de formação avançada no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, nomeadamente em *Coaching* para a Liderança e *Coaching* para Desenvolvimento de Equipas, sob a orientação da professora Teresa Marta.

Fundou com Marcos Magalhães, em 2005, Os Músicos do Tejo, agrupamento do qual é diretora artística, produtora e cravista.

Produziu e tocou em diversos concertos, óperas e projetos, tais como, *La Spinalba*, *Lo Frate Nnamorato*, *Paride ed Elena*, *Le Carnaval et la Folie*, *Il Trionfo d'Amore*, *Il Mondo della Luna*, *Dido e Eneias*, *La Giuditta*, *As Guerras do Alecrim e Manjerona*, *Veneza e os Limites da Moralidade* com a atriz Luísa Cruz, *To Play or Not To Play*, *As Filhas do Fogo* com o realizador Pedro Costa, entre outros.

Participou na edição de cinco discos como diretora artística, produtora e cravista, nomeadamente: *As Árias de Luísa Todi* e, editados pela reconhecida editora mundial NAXOS: *La Spinalba*, *Il Trionfo d'Amore*, *From Baroque to Fado – A Journey Through Portuguese Music*, com Ana Quintans e Ricardo Ribeiro, e *Il Mondo della Luna* de P. A. Avondano.

Foi coautora do programa da Antena 2, *Ao Correr do Som*, inserido na rubrica *Caleidoscópio*.

### **António Machado** ator

António Machado nasceu em 1973, em Cascais. Tirou o curso de teatro no Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral em 1992.

Conhecemos o seu trabalho desde a apresentação do *Clube Disney* (RTP, 1994/96), passando pela sua participação como membro da equipa de vozes do *Contra Informação* (RTP, 1996/2004) e pela sua colaboração no *Hora H*,

de Herman José (SIC, 2007). Participou em várias séries e novelas, como por exemplo *Bem-Vindos a Beirais* (RTP, 2013/15), *Espelho d'Água* (SIC, 2017/18) e, ainda, como autor e ator na série cómica *Anti Crise* (RTP, 2013).

No teatro, fez parte do elenco de vários espetáculos, como *Canção dos Oceanos* (1998), *Não te esqueças de puxar o autoclismo* (2003), *Deixa-me rir* (2004), *2 amores* (2007), *Toc Toc* (2013), *As Obras Completas de William Shakespeare* (2014), *Don Giovanni* (2015), *O Filho da Treta* ao lado de José Pedro Gomes (2016 a 2018), *Faz-te Homem* com João Didelet (2019 e ainda em digressão), *As Guerras do Alecrim e Manjerona* (2018) e *Ding Dong* (2020 e ainda em digressão)

Atualmente podemos ouvi-lo na rubrica radiofónica *Portugalex* (Antena 1 e Antena 3) em colaboração com Manuel Marques, rubrica essa transformada num espetáculo de teatro em 2008.

É também a voz de várias dobragens em filmes de desenhos animados, como *Carros 2*, *Paddington*, *Zé Colmeia*, *Sherlock Gnomes*, *Parque das Maravilhas*, *Cantar*, entre outros.

Toca bateria e coleciona carros à escala.

### **Carla Vasconcelos** atriz

No cinema, trabalhou em vários filmes, como *O Crime do Padre Amaro*, *Terra Nova*, *Portugal não está à Venda*, *Tiro e Queda*, *A Canção de Lisboa*, *Love Actually*, *Goodbye Europe*, entre outros. Enquanto atriz fez vários trabalhos em teatro, entre os quais: *Boeing Boeing*, *A Dark Shade of Fado*, *Midsummer Night's Dream* de W. Shakespeare, *He Said Yes/He Said No* de Bertolt Brecht, *Our Town* de Thornton Wilder, *Lovers* de Bryan Friel, *Fat Pig* de Neil Labute e *Yátra* que escreveu juntamente com Hugo Sovelas. Tem participado em séries, novelas e programas televisivos como *Dentro*, *Terra Nova*, *O Crime do Padre Amaro*, *Filha da Lei*, *5 Para a Meia-noite*, *Os Contemporâneos*, *Levanta-te e Ri*, *Os Santos da Casa*, *Senhora das Águas*, *Chiquititas*, *Doce Fugitiva*, *Floribela*, *Morangos com Açúcar*, *Dancin' Days*, *Stá. Bárbara*, *O Sábio*, *Nazaré*, *Amar Demais*.

Neste momento está a encenar o espetáculo *O Amor é um Som* em coautoria com a atriz Luísa Cruz.

### **Catarina Wallenstein** atriz

Nasceu em 1986. Estudou Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema em Lisboa e no Conservatoire National d'Art Dramatique em Paris. Desde 2004 tem trabalhado em teatro, cinema e televisão. Atuou em filmes como *Lobos* de José Nascimento, *Um Amor de Perdição* de Mário Barroso, *Singularidades*

*de uma Rapariga Loira* de Manoel de Oliveira (Globo de Ouro Melhor Atriz), *Filme do Desassossego, Peregrinação e O Ano da Morte de Ricardo Reis* de João Botelho, *Um Animal Amarelo* de Felipe Bragança (2020).

Estreou-se na realização com a média-metragem *Tragam-me a Cabeça de Carmen* em 2019.

Em teatro colaborou em produções de Jorge Silva Melo, António Pires, Tiago Torres da Silva, João Lourenço, Manuel Wiborg, Maria João Luís e Felipe Bragança.

A sua formação musical inicia-se em criança na Fundação Musical dos Amigos das Crianças onde estuda violoncelo. Na escola de música do conservatório nacional estuda canto com Filomena Amaro e Ana Paula Russo.

Desde 2006 tem feito o trabalho regular da voz e do canto com a soprano Lúcia Lemos.

#### **Joana Seara** soprano

Em ópera, Joana tem interpretado papéis de Monteverdi a Puccini, de Verdi a Francisco António de Almeida. Destacam-se Margery com a Akademie für Alte Musik Berlin, Damigella com a English National Opera, Gretel e Despina para a Opera Holland Park e Dorinda para a Independent Opera at Sadler's Wells. Outros papéis incluem Zerlina na Holanda, Inglaterra e Irlanda, e Galatea em França. No Teatro Nacional de São Carlos, foi Susanna (*As bodas de Figaro*), Tebaldo/Vozes do Cielo (*Don Carlo*), Flora (*La Traviata*), Ines (*Il Trovatore*), Frasquita (*Carmen*) e Lucia (*The Rape of Lucretia*).

Sob a direção de Ton Koopman, Lawrence Foster, Simone Young, Julia Jones, Donato Renzetti, Mathew Halls, Enrico Onofri, Jan Wierzbka, Christoph König, Nicholas Kraemer, Carlos Mena, Cesário Costa, Pedro Amaral, Jorge Matta, Miguel Jalôto, Massimo Mazzeo, Joana Seara tem cantado nos grandes palcos nacionais. No estrangeiro, destacam-se concertos no Festival de Herne (Alemanha) com Os Músicos do Tejo, em Colónia com a Filarmónica de Colónia, no Festival de Ambronay (França) e Varna (Bulgária) com a orquestra barroca Divino Sospiro, em Vigo e no Escorial (Espanha) com o Ludovice Ensemble, em Goa com o Ensemble Barroco do Chiado, e em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília em recitais acompanhados ao piano por Jan Wierzbka (Mpmp). Trabalha regularmente nas produções d'Os Músicos do Tejo e, com este grupo, lançou vários projetos discográficos de música antiga portuguesa: *Il Trionfo d'Amore, La Spinalba* e *As Árias de Luísa Todi*. Outra discografia inclui a gravação dos CD *18th-Century Portuguese Love Songs* com o agrupamento L'Avventura London, sob direção de Zak Ozmo, e *L'Angelica*, de João de Sousa Carvalho, com os Concerto Campestre de Pedro Castro.

#### **João Fernandes** baixo

Galardoado em Londres com o European Premier Prix, em Melbourne (Austrália) com o prestigiado Helpmann Award de Melhor Ator em Ópera, e nomeado em Boston (EUA) para os Grammy, João Fernandes desfruta de uma prestigiada carreira internacional ao lado dos maiores expoentes do repertório barroco, e ingressa hodiernamente na Alemanha no repertório *belcantista* e romântico, com papéis como Don Magnifico, Don Pasquale, Barão Ochs ou Il Gran Inquisitore.

A sua comunhão artística com Marcos Magalhães e Marta Araújo trá-lo regularmente a colaborar com Os Músicos do Tejo em salas portuguesas e internacionais.

#### **Luís Rodrigues** barítono

Luís Rodrigues tem vindo a construir em Portugal uma sólida carreira no domínio da ópera, com papéis como Figaro (*O Barbeiro de Sevilha*), Guglielmo, Albert, Nick Shadow, Sharpless, Escamillo, Gianni Schicchi, Beauperthuis, Sulpice e Don Profondo no Teatro Nacional de São Carlos (TNSC), Kurwenal (*Tristão e Isolda*) com o São Carlos no CCB, Eduard (*Neues vom Tage*) no Teatro Aberto, Marcello (*La Bohème*) com o Círculo Português de Ópera e a Orquestra Nacional do Porto no Coliseu desta cidade, Tom (*The English Cat*) com a Cornucópia e a ONP no Rivoli e TNSC, Guarda Florestal (*A Raposinha Matreira*) com a Casa da Música no Rivoli, Papageno, Ramiro (*L'Heure Espagnole*) e Sumo Sacerdote (*Sansão e Dalila*) na Fundação Calouste Gulbenkian e Yoshio (*Hanjo*) na Culturgest. Cantou ainda Giorgio Germont, Iago e os papéis titulares de *Don Giovanni* e *Rigoletto* com a Orquestra do Norte, e Arsénio (*La Spinalba*), Marcaniello (*Lo frate innamorato*) e Buonafede (*Il mondo della luna*, de Avondano) com Os Músicos do Tejo.

#### **Luísa Cruz** atriz

Luísa Cruz é licenciada pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Ao longo da sua carreira, recebeu vários prémios dos quais se destacam: Melhor Atriz – revista *O Actor* e Atriz Revelação – semanário *Se7e* (1989); Globos de Ouro 2005 – Melhor Atriz de Teatro; Prémio Bernardo Santareno – Melhor Atriz de Teatro – 2009; Globos de Ouro 2011 – Melhor Atriz de Teatro; Prémio SPA – Sociedade Portuguesa de Autores – Melhor Atriz de Teatro 2012; Coimbra Caminhos do Cinema Português – Melhor Atriz Secundária no filme *As Mil e Uma Noites* de Miguel Gomes – 2015; CinEuphoria – Melhor Atriz Secundária no filme *As Mil e Uma Noites* de Miguel Gomes – 2016; Prémio Águila – Melhor Atriz de Televisão – 2018; Globos de Ouro 2019 – Melhor Atriz de Teatro.

**Marco Alves dos Santos** tenor

Licenciado em canto pela Guildhall School of Music & Drama como bolsheiro da Gulbenkian, iniciou a carreira profissional em 2003. Apresentou-se como solista em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha dando vida a papéis como Tamino (*A Flauta Mágica*), Tristan (*Le Vin Herbé*), Leandro (*La Spinalba*), Orphée (*Descente d'Orphée aux Enfers*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duca di Mantova (*Rigoletto*), Die Hexe-A Bruxa (*Hansel & Gretel*), Prunier (*La Rondine*), Governor (*Candide*), Ferrando (*Così fan Tutte*), Almaviva (*O Barbeiro de Sevilha*), Acis (*Acis & Galatea*), Male Chorus (*Rape of Lucretia*), Aegisth (*Elektra*), Arbace (*Idomeneo*), Gilvaz (*As Guerras do Alecrim e Manjerona*), Don Ottavio (*Don Giovanni*), Tybalt (*Romeu e Julieta*) e Nemorino (*O Elixir do Amor*), entre outros. No repertório de concerto destacam-se o Recitant (*L'enfance do Christ*), Evangelista nas Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão Segundo São João (Bach), e tenor solista na 9.ª Sinfonia (Beethoven), *Messiah* (Handel), *Petite Messe* (Rossini), *Requiem* e Missa da Coroação (Mozart), *Serenade for horn and strings* (Britten), *La bonne chanson* (Fauré) e *Te Deum* (Bruckner). Compromissos na temporada 2021/2022 incluem os papéis de Almerik (*Iolanta*), Lurcanio (*Ariodante*) e Nick (*Fanciulla del West*) na Temporada do TNSC, *Cegeste* (*Orphée*, Philip Glass) no CCB, Gilvaz (*Guerras do Alecrim e Manjerona*) com Os Músicos do Tejo, bem como o Evangelista, na Oratória de Natal e tenor solista na Paixão S. S. João, ambos na Gulbenkian.

**Rodrigo Carreto** tenor

O tenor português Rodrigo Carreto, natural de Lisboa, frequenta atualmente o mestrado em canto na Universidade das Artes de Zurique na classe de Scot Weir. Paralelamente aos seus estudos regulares trabalha com o barítono inglês Peter Harvey. Licenciado em Direção Coral e Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa, Rodrigo completou o aperfeiçoamento vocal com Joana Nascimento. Em março de 2020 é admitido na *masterclass* da Internationale Bachakademie Stuttgart onde trabalha com Dame Emma Kirkby, Lothar Odinius e interpreta, entre outras, a *Cantata Klagt, Kinder, klagt es aller Welt BWV 244a* com o JSB-Ensemble sob a direção de Hans-Christoph Rademann entre outros.

Rodrigo Carreto conquista o 3.º lugar na American Music Talent Competition 2021 e em junho do mesmo ano é aceite nos Jovens Solistas Bach do Collegium Vocale Gent (BE) com Philippe Herreweghe, com quem começa a trabalhar na temporada 2021-22. Simultaneamente, é membro da La Capella Reial de la Catalunya com Jordi Savall e Lluís Vilamajó

e do Schweizer Vokalconsort com Marco Amherd. Tem ainda colaborado com o Larynx Ensemble e o Chœur de Chambre Namur. Entre 2016 e 2019 foi membro do Coro Gulbenkian, onde trabalhou regularmente com Michel Corboz, Jorge Matta e também do grupo de música antiga Officium Ensemble. Rodrigo tem-se dedicado maioritariamente à interpretação de obras de J. S. Bach e G. F. Händel, cantatas, oratórias, missas e Paixões, bem como ao *Lied* Alemão e programa francês de *Haute-Contre*. O seu repertório inclui ainda obras como o *Requiem* e a Missa em Dó menor (W. A. Mozart), *Lauda Sion, Paulus e Lobgesang* (F. Mendelssohn), a Missa de Santa Cecília (C. Gounod), Oratória de Natal (C. Saint-Saëns), *Salmo Chichester* (L. Bernstein), entre outras. Rodrigo Carreto tem-se apresentado a solo com diversas orquestras e agrupamentos, tais como a Capriccio Barockorchester, La Chapelle Ancienne, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Ensemble Sonare, Os Músicos do Tejo, etc. Na ópera, estreia *É Possível Resistir* de Luís Soldado, no papel de António, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e integra o elenco da produção de *Tosca* de G. Puccini, no papel de Spoletta, no OperaFest 2020 Lisboa com o MPMP Ensemble. Em maio de 2021 apresenta-se, no papel de Belfiore, em *La Finta Giardiniera* de W. A. Mozart sob a direção artística de Johannes Schlaefli e Annette Uhlen no Theater der Künste Gessnerallee, em Zurique. Além de Portugal e Suíça, Rodrigo Carreto apresenta-se regularmente em Espanha e em vários concertos e festivais na China, Bélgica, França, Alemanha, Polónia e Holanda. Trabalhou com cantores como Margreet Honig, Peter Kooij, Robert Murray, Yvonne Naef, Flavio Ferri-Benedetti, Jan Elsacker, Jill Feldman, Geert Smits, Xavier Moreno e com maestros como Ton Koopman, Gustavo Dudamel, David Afkham, John Nelson, Alain Altinoglu, Leonardo García Alarcón e Joshua Santos.

APOIO:





Marcos  
Magalhães  
© Marcelo Albuquerque



Marta  
Araújo  
© José Frade



António  
Machado



Carla  
Vasconcelos



Catarina  
Wallenstein



Joana  
Seara



João  
Fernandes



Luís  
Rodrigues



Luísa  
Cruz



Marco Alves  
dos Santos



Rodrigo  
Carreto



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA  
A TEMPORADA 2021/2022



PROJETO CCB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR



Design Gráfico: Change is Good  
fotografia: Marcos Magalhães